



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

Rumo ao final do arco-íris: o que mudou no discurso sobre personagens homossexuais na grande mídia de entretenimento na última década – e por quê?

Jandira Queiroz

Brasília, DF, junho de 2003

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

**Rumo ao final do arco-íris: o que mudou no discurso sobre
personagens homossexuais na grande mídia de
entretenimento na última década – e por quê?**

Um estudo sobre as novelas *A Próxima Vítima*, *Torre de Babel*, *Senhora do Destino* e o
reality show *Big Brother Brasil 5*

JANDIRA QUEIROZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, sob a orientação de Sérgio Euclides de Souza.

Brasília, DF, Junho de 2005

BANCA EXAMINADORA

“Eu passei muito tempo aprendendo a beijar outros homens como beijo meu pai.”

Gilberto Gil

Agradecimentos:

A Áurea e Geraldo, meus avós, por todo o amor e carinho que sempre me deram nesta vida e por acreditarem em mim sempre.

Aos meus filhos Mateus e Isabela e à minha companheira Zezé, pela paciência.

Aos meus pais, pela vida.

Ao meu mestre Rogério Junqueira, pelos primeiros passos na aventura da ciência.

Ao Professor Sérgio Euclides, por me orientar neste trabalho e por acreditar em mim.

À Professora Rosângela Corrêa, por me revelar novos caminhos.

Ao Arturzoc, pelo companheirismo e pelas dicas.

A Kátia, Guilherme, Júnia, Claude e Fátima, pelo apoio e compreensão.

Resumo

Este estudo trata da mudança no discurso da grande mídia acerca de personagens homossexuais de telenovelas e do *reality show Big Brother Brasil 5*. Faz uma discussão sobre identidade homossexual e os preconceitos presentes na sociedade brasileira consumista. Procura demonstrar como o viés sócio-econômico foi determinante na mudança do discurso tanto da mídia impressa quanto televisiva e como esta mudança opera alterações no comportamento da sociedade de modo geral. Aqui discutimos também os conceitos e aplicações de termos como estereótipo, preconceito, identidade e orientação sexual, sexo e sexualidade, entre outros. Concluímos que a inclusão do público homossexual na sociedade em função de seu poder aquisitivo tanto pode ser positivo quanto nocivo na afirmação homossexual, e que este processo de inclusão ainda está em pleno andamento. Portanto, muitas outras respostas ainda estão por ser encontradas.

Sumário

| | | |
|---|--|----|
| 1 | Introdução | |
| | Será que existe mesmo um pote de ouro no fim do arco-íris? | 2 |
| | Objeto | 3 |
| | Problema | 4 |
| | Relevância | 6 |
| | Metodologia | 7 |
| 2 | Identidade homossexual e preconceitos | 10 |
| 3 | Representação <i>gay</i> na mídia brasileira | 19 |
| 4 | <i>Senhora do Destino</i> e o <i>Big Brother Brasil 5</i> : <i>gays</i> na programação da Rede Globo de Televisão | 25 |
| 5 | Jean Wyllys, o <i>gay</i> mais querido do Brasil | 33 |
| 6 | Parece que há mesmo um pote de ouro no fim do arco-íris | 38 |
| 7 | (In)Conclusão | 54 |
| 8 | Bibliografia | 58 |

1 Introdução

Será que tem mesmo um pote de ouro no fim do arco-íris?

No segundo semestre de 2004, a Rede Globo de Televisão incluiu na novela de maior audiência da história das telenovelas do Brasil um casal lésbico e um casal gay masculino. Pela primeira vez na história, os dois casais não sofreram rejeição do público telespectador; ao contrário, foram bem aceitos e conquistaram a simpatia do Brasil.

Na virada do ano de 2004 para 2005, logo após o *Show da Virada* da Rede Globo, o segundo filme exibido no novo ano foi *Priscila, a rainha do deserto*, às 3h10 da manhã do dia 1º de janeiro, que mostra um grupo de gays viajando por um deserto dos Estados Unidos da América, causando uma revolução em cada lugar que chega. Houve quem dissesse que 2005 seria o ano da ação afirmativa na Globo. Já em janeiro, o *Big Brother Brasil*, em sua quinta edição, apresentava ao Brasil um grupo de 12 pessoas em confinamento, sendo que três são negros e cinco são nordestinos. Entre eles, um nordestino negro é homossexual assumido. Jean Wyllys conquistou o Brasil e o prêmio de um milhão de reais. Conferiu visibilidade ao movimento em defesa dos direitos de homossexuais e tornou-se um ícone gay. Também virou um símbolo da conduta ética, irrepreensível, servindo de exemplo em muitas críticas ao comportamento de parlamentares e da sociedade em geral.

Tais fatos chamaram-me a atenção para os motivos de tanta exposição de variadas identidades homossexuais na telinha. Considero que quanto mais a Rede Globo mostra

tipos homossexuais não estereotipados, mais fácil se torna a aceitação das diferentes orientações sexuais pela sociedade brasileira. Contudo, é preciso deixar claro a todos os setores da esfera pública que o *gay* não deve ser aceito somente porque apresenta um poder aquisitivo potencialmente explorável, mas porque é ser humano como qualquer outro e merece ser respeitado e atendido pelo Estado e pela sociedade em geral em suas reivindicações, assim como qualquer outro cidadão.

Objetivo

O presente estudo procura investigar e discutir a maneira como a mídia impressa brasileira tem tratado a aparição de personagens homossexuais na grande mídia de entretenimento (leia-se televisiva) nos últimos dez anos. Especialmente, tratará de uma suposta mudança no discurso da mídia impressa com relação a estes personagens, tomando-se como objetos específicos os casais homossexuais da novela *A Próxima Vítima* (1995), *Torre de Babel* (1998), comparando o que foi dito sobre eles à época com o que foi dito sobre os personagens homossexuais de *Senhora do Destino* (2004/2005). Também examinará os discursos sobre o personagem Jean Wyllys, do *Big Brother Brasil 5* (2005).

Problema

A pesquisa procura demonstrar que o discurso da mídia brasileira (por meio da mídia impressa) acerca da homossexualidade, acompanhando a tendência mercadológica demonstrada pelos programas em questão com a apresentação de personagens homossexuais, tem-se modificado desde a década de 1990 até os dias atuais.

Houve uma percepção geral por parte do público de que a Rede Globo de Televisão inseriu em sua programação a temática homossexual em 2004 como nunca antes na história da televisão brasileira. O fato gerou a ampliação do debate acerca das relações homossexuais na sociedade brasileira, acirrando debates sobre adoção de crianças por casais homossexuais, a legalização da união civil entre pessoas do mesmo sexo e sobre homofobia, entre outros temas não menos espinhosos para a sociedade patriarcal brasileira.

Suponho que tal mudança não seria possível sem que a grande massa de telespectadores da Globo aprovasse a programação. A telenovela *Senhora do Destino*, que mostrava dois casais homossexuais residentes na Baixada Fluminense (um casal lésbico e um casal *gay*), foi recordista de audiência e, por conseqüência, recordista em *merchandising* na história da teledramaturgia brasileira. Portanto, além do público, também a indústria e o comércio aprovaram a representação de ditos personagens em horário nobre. Mas por que todo mundo aprovou?

Ao mesmo tempo em que a telenovela batia todos os recordes possíveis, entrou no ar a quinta edição do *reality show Big Brother Brasil*, trazendo, já na primeira semana, a declaração pública e ao vivo do professor de professor universitário e jornalista negro, baiano e de origem pobre Jean Wyllys de sua homossexualidade e do preconceito que vinha sofrendo no confinamento por parte de determinado grupo de participantes. No vídeo enviado pelo professor à produção do *BBB5* na ocasião de sua candidatura, ele declarava claramente sua homossexualidade. Em nenhum momento, porém, a Rede Globo veiculou este trecho da gravação. Contudo, não cremos que Jean tenha sido escolhido simplesmente por ser professor, ou por ser carismático, simpático e de origem pobre. Pareceu-me evidente que sua orientação sexual viria à tona rapidamente e que, portanto, a produção do *BBB5* exploraria este elemento (homossexualidade) para atrair audiência. Como realmente aconteceu. A quinta edição do *BBB* atingiu picos de audiência somente comparáveis às telenovelas de maior sucesso, equiparando-se (e até superando), em alguns momentos, à audiência da novela que antecedia o programa, *Senhora do Destino*.

Desta feita, cremos que a emissora identificou positivamente uma “nova” parcela da sociedade brasileira, com poder aquisitivo assumidamente alto e decidiu incluí-lo em seu já vasto mercado consumidor: o público homossexual.

O que tentaremos identificar com este estudo é se e como o viés sócio-econômico foi determinante para esta mudança.

Relevância

Pesquisas acadêmicas recentes têm verificado que dia após dia cresce mais a comunidade GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros) no Brasil. Segundo o *Fantástico*¹, baseado em uma pesquisa da Universidade Paulista (UNIP), a cada ano a quantidade de pessoas com orientação assumidamente homossexual cresce em 30%. Melhor dizendo, tem-se identificado que esta comunidade sempre existiu em parcelas percentualmente similares durante os últimos séculos, tanto no Brasil quanto no resto do mundo. O que vem acontecendo nas duas últimas décadas é a assunção desta classe nas sociedades, rompendo de alguma maneira as barreiras de preconceito e conquistando seu espaço na esfera pública. Entretanto, a cultura brasileira historicamente machista e homofóbica, bem como racista, coronelista, colonialista e assistencialista, ainda é hegemônica em nosso país. Acredito que a reflexão mais aprofundada e a ampla discussão nas esferas civis, governamentais e militares do país são medidas fundamentais para a atenuação deste comportamento, que oprime a milhares de homossexuais, bissexuais e transgêneros, todos os dias, em todo o país.

Por isto, pretendemos que o presente estudo seja uma contribuição a este debate dentro do UniCEUB, na cidade de Brasília e, quiçá, entre as comunidades acadêmicas de comunicação, sociologia, antropologia, psicologia e economia brasileiras, caso se revele digno de publicação em revistas especializadas.

¹ “Bruno Gagliasso é repórter por um dia na Parada Gay”, *Fantástico*, 29/05/2005. Disponível em <www.globo.com/fantastico>. Acesso em 30/05/2005.

Metodologia

Para a realização deste estudo, fiamos-nos em trabalhos anteriores de pesquisadores como Adriana Nunan, Boaventura de Sousa Santos, Ana Cristina Sousa, James Green, Richard Parker, Denílson Lopes, entre outros, no que se refere ao estudo das identidades homossexuais, do chamado mercado rosa e da construção do espaço *gay* no Brasil.

Para a verificação da hipótese (houve mudança no discurso da mídia sobre homossexualidade nos últimos dez anos?), avaliamos todos os textos disponíveis nos sistemas de busca de edições anteriores dos jornais *Correio Braziliense* e *Folha de S. Paulo* sobre a temática homossexual, e também a repercussão dos programas de entretenimento que formam o objeto desta pesquisa. Já em fase avançada da pesquisa, verificamos que o *Correio* disponibiliza o seu conteúdo para pesquisa *on-line* a partir de junho de 1999. Portanto, para a análise da mudança do discurso, utilizamos apenas o conteúdo da *Folha*, e o material do *Correio* foi utilizado apenas para confirmar a ampla visibilidade que a temática *gay* conseguiu atingir entre 2004 e 2005, por meio de matérias, colunas e artigos opinativos.

No tocante à análise do discurso midiático, utilizamo-nos de autores como Anthony Giddens, Clifford Geertz, Douglas Kellner, Samira Youssef Campedelli, Muniz Sodré, entre outros.

A análise específica do objeto de pesquisa se deu por meio da leitura e análise comparativa de discurso entre os textos divulgados na *Folha de S. Paulo* durante os períodos de exibição dos programas já citados, disponíveis para consulta via Internet.

Um dos motivos da opção por não trabalhar com o suporte papel é o fato de que, em trabalho anterior realizado neste centro universitário², as pesquisas *in loco* no Centro de Documentação do *Correio* não ofereceu tanta possibilidade de objetividade quanto oferecem os sistemas de busca via *web*. Os CEDOC apresentam limite de tempo para pesquisa, o que torna o resultado da busca ou mais superficial em seu conteúdo ou inferior em quantidade de textos. A Internet oferece a informação ampla (todos os textos publicados nos anos anteriores estão disponíveis na íntegra), mais rápida e a qualquer momento, deixando mais tempo para a pesquisa e a reflexão teórica e o desenvolvimento das idéias em discussão.

As combinações de palavras-chave utilizadas nas buscas dos textos foram:

| | | |
|--|-----------------------------------|--------------------------------------|
| senhora destino eleonora jenifer | senhora destino lésbica | senhora destino ubiracy |
| novela senhora destino eleonora jenifer | novela senhora destino lésbica | novela senhora destino ubiracy |
| senhora destino gay | torre babel lésbica | big brother brasil Jean |
| novela senhora destino gay | novela torre babel lésbica | big brother brasil gay |
| big brother Brasil homossexual | próxima vítima gay | próxima vítima homossexual |
| gay | Novela próxima vítima gay | novela próxima vítima homossexual |

² QUEIROZ; JUNQUEIRA, 2003.

Também foram consultados os portais e as páginas *web* de diversos grupos de defesa dos direitos de homossexuais, como o MGM (Movimento Gay de Minas), o GGB (Grupo Gay da Bahia), o portal Mix Brasil, entre outros. Este material é de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que a discussão sobre homossexualidade no âmbito da sociedade civil ainda é muito recente, e a voz dos grupos GLBT está majoritariamente na Internet.

2 Identidade homossexual e preconceitos

O negócio é ser igual, e ter os mesmos direitos. Sempre fui militante. Quando eu subo num palco e emocio uma platéia, estou mostrando com isso o quanto de humanidade existe em mim, na minha arte.

Rogéria em entrevista para O Pasquim, 1971³

A raça humana, historicamente, tem buscado sua identidade. Desde os filósofos antigos, como Heráclito, Parmênides e Platão, buscamos nossa identidade inclusive de forma matemática.

Apesar de todas as dificuldades, a chamada comunidade *gay* brasileira começou a assumir, a partir da década de 1980, um espaço cada vez maior da esfera pública. Por esfera pública, seguindo a proposta de Habermas, pode-se entender o domínio da sociedade onde a opinião pública é formada e fundada⁴. Com o desenvolvimento histórico do capitalismo, homens e mulheres com orientação homossexual puderam autoproclamar-se *gays* e *lésbicas* na sociedade brasileira, acompanhando uma tendência à individualidade, à sociedade de consumo em que as relações interpessoais são sempre mediadas por produtos. Com a multiplicação das empresas multinacionais e a diminuição dos pequenos negócios nos grandes centros urbanos, entre colegas de trabalho são cada vez mais superficiais as conversas sobre suas vidas pessoais, não havendo interesse por detalhes alheios às suas próprias vidas. O êxodo rural das últimas décadas transformou as cidades em centros urbanos de proporções cada vez mais gigantescas, o que contribuiu para a superficialização das relações interpessoais.

³ APUD GREEN, 2000. p. 418.

⁴ HABERMAS, 2003.

Estas, entre outras tendências identificadas atualmente, dão condições à ocupação da esfera pública (das praças, bares, restaurantes, boates, praias, clubes, saunas, noticiário de tv, telenovelas, páginas de revistas, jornais e páginas *web*) por homossexuais, sem que estes estejam obrigados a prestar contas de sua vida particular a ninguém que não queiram. Ou seja, a sociedade hegemonicamente heterossexual tem estado mais ocupada com a acumulação de capital do que com a prática da “moral” imposta por ela. Por isso mesmo, São Paulo, Londres e Nova Iorque têm se destacado na luta pelos direitos homossexuais e conseguido vitórias históricas na garantia destes direitos.

Tudo isto é resultado de um movimento de libertação sexual iniciado em meados dos anos 60, que atravessou a década de 70 e enfrentou a pandemia mundial da AIDS em meados dos anos 80, e que enfrenta até hoje grande resistência da sociedade heterossexualmente hegemônica. A sociedade brasileira capitalista, em pleno “desenvolvimento”, ou seja, buscando sua própria identidade junto aos países ditos desenvolvidos, ainda não consegue aceitar bem as diferenças entre cidadãos.

Diferença é “a relação de alteridade existente entre duas coisas que possuem elementos idênticos”, segundo Japiassú e Marcondes (1996).

Aristóteles e a escolástica chamam de “diferença específica” o caráter que distingue uma espécie⁵ das outras do mesmo gênero. Tomada nesse sentido, ela se encontra na base de toda definição e de toda

⁵Foucault chegou a dizer da identidade homossexual o seguinte: *O homossexual do século XIX tornou-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. (...)... agora o homossexual é uma espécie.* (grifos nossos) APUD NUNAN, 2003, p. 35.

classificação. A diferença máxima entre dois objetos, que não têm nenhum traço em comum, é sua contradição.⁶

Identidade, por sua vez, refere-se à “relação de semelhança absoluta e completa entre duas coisas, possuindo as mesmas características essenciais, que são assim a mesma”.

2. *identidade temporal* significa que podemos identificar um mesmo objeto que nos aparece em momentos diferentes. Ex.: Uma mesma árvore no inverno sem folhas e na primavera coberta de flores. **3.** Na lógica, o *princípio da identidade*, uma das três leis básicas do raciocínio para Aristóteles, se expressa pela fórmula “ $A=A$ ”, ou seja, todo objeto é igual a si mesmo.⁷

Aplicando-se as proposições acima aos indivíduos da raça humana, podemos dizer que uma pessoa pode ser uma aos 18 anos e outra aos 25, mas que ainda assim será parte da raça humana, e, portanto “um semelhante”, ou seja “a mesma”⁸. Porém, segundo Japiassú e Marcondes, (1996) “é questionável a expressão ‘igualdade natural’ ou biológica, pois, por natureza, não somos idênticos uns aos outros”. Parece-nos interessante citar o restante do verbete

Igualdade (lat. Aequalitas) **1.** Noção lógica ou matemática, significando a equivalência entre duas grandezas (somadas) ou entre duas proposições. **2.** O termo “igualdade” aparece ainda na expressão “igualdade entre os homens” e possui várias acepções: a) a igualdade jurídica ou civil significa que a lei é a mesma para todos; b) a igualdade política significa que todos os cidadãos têm o mesmo acesso a todos os cargos públicos, sendo escolhidos em função de sua competência; c) a igualdade material significa que todos os homens dispõem dos mesmos recursos. As duas primeiras, igualdades de princípios, constituem a base das democracias. De fato, as desigualdades materiais geram

⁶ JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996. Grifos nossos.

⁷ Id. Ibid. Grifos nossos.

⁸ Id. Ibid. Grifos nossos.

desigualdades políticas e jurídicas: essa situação foi descrita, pelo socialismo do século XIX, como “democracia formal”⁹.

Durante a década de 1970, o discurso inicial do movimento social em defesa dos direitos de pessoas homossexuais foi pela luta contra a discriminação e o reconhecimento de seus direitos civis. Grupos de pessoas questionavam o imaginário social coletivo quanto à noção de homossexualidade vigente à época, que difundia a idéia de que nas relações homoeróticas reproduzia-se à díade *homem/mulher*, baseando-se na hegemonia heterossexual para discriminar os “diferentes”, ou sua própria “contradição”. Não foi à toa que surgiu, já na segunda metade da década de 1970, a figura do homossexual machão, de cabelos curtos, barba e bigode, e vestindo roupas de couro, em uma clara oposição ao estereótipo do *gay* exageradamente feminilizado.

Desde o final do século XIX até aproximadamente o início dos anos 70 a definição do homossexual masculino denotava uma extrema feminilidade. Maneirismos ostensivos (no modo de falar e andar e na aparência) evocavam uma paródia do feminismo tradicional e falava-se de “uma alma feminina no corpo de um homem”. Nos anos 70 este “estilo” feminino foi substituído por um modelo teatralmente masculino: os supermachos vestiam roupas de couro, botas pesadas e usavam cabelo curto, barba e bigode, apoiando um conceito de virilidade tradicional. (...) Não obstante a mudança do modelo de “bicha louca” para o de “supermacho”, deve ficar claro que ambos são imitações alienantes dos estereótipos de masculinidade e feminilidade, e homossexuais que adotam qualquer um destes modelos não fazem mais do que reforçar os padrões heterossexuais dominantes.¹⁰

Por todo o país, os diversos movimentos guardam até hoje a reivindicação de um “direito à diferença”, baseada na afirmação de uma identidade hegemônica que reconheça e aceite sua liberdade de opção ou orientação sexual¹¹. Procura-se diminuir as disparidades entre a dita maioria heterossexual e a homossexualidade na sociedade,

⁹ JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996.

¹⁰ NUNAN, 2002.

¹¹ NUNAN, 2002.

garantindo sua interação como cidadãos e cidadãs¹². Tal reivindicação não parte só dos grupos homossexuais, mas também dos feministas, negros, indígenas e alguns dos grupos religiosos, por exemplo. Enfim, sendo a busca pela identidade inerente à raça humana, conforme afirmamos no início do capítulo, e sendo que o princípio da diferença se funda no da igualdade, como é possível não aceitar diferenças? Por exemplo, se $x=2$ e $y=3$, então $3x=2y$, sendo que as características de cada um dos elementos são diferentes das do outro. São formados de elementos fundamentais distintos, mas a igualdade é verdadeira.

Segundo Nunan (2003),

homossexualidade seria definida não pela escolha do objeto sexual, mas pela distribuição de poder e dominação na relação sexual. Neste sentido, pode-se dizer que o sistema de gêneros brasileiro, hierarquicamente estruturado, divide os homossexuais em duas categorias: o homem e a bicha¹³.

“Cidadania se conquista”, como diz o comercial da Rede Globo de Televisão. Mas na sociedade capitalista, a cidadania se conquista com dinheiro. O (agora) “público *gay*” teve então a possibilidade de protagonizar uma outra mudança estrutural na esfera pública, consumindo os espaços desocupados pela sociedade capitalista. A substituição das relações pessoais pelas impessoais, mediadas por mercadorias, o surgimento de estruturas tecnocráticas e de grandes centros urbanos industriais e

¹² SILVA, Sérgio Gomes da. **Histórias e caminhos do ativismo homossexual: identidade e cidadania homoerótica**. Disponível em <<http://mixbrasil.uol.com.br/troctroc/arena/ativismo.asp>>. Acesso em 19 de maio de 2005.

¹³ NUNAN, 2003, p. 133.

financeiros favoreceram a “saída do armário” de um grande número de homossexuais, que por sua vez tentam amplificar o debate para a sociedade.¹⁴

No entanto, e como se poderia prever dadas as definições acima, há várias formas de identidade e de relacionamento entre homossexuais (assim como entre os grupos de heterossexuais, negros, indígenas e religiosos), além dos já supostamente conhecidos *bicha* e *sapatão*. A homossexualidade masculina, o lesbianismo a bissexualidade e a transexualidade podem apresentar outras formas ainda, como as bichas, os bofes, boys, entendidos, as caminhoneiras, *lesbian-chics*, patricinhas, barbies, os ursos, travestis, transformistas, transexuais, para citar alguns. E é para diferenças que se busca o reconhecimento e o respeito. “Visto que nas sociedades patriarcais a masculinidade é identificada com a heterossexualidade, o **preconceito sexual** passa a desempenhar um importante papel no sentimento **de identidade masculina**: deixa claro quem não é homossexual.”¹⁵

... pode-se dizer que o preconceito é uma atitude que engloba três componentes: o afeto (sentimentos ou emoções em relação a um grupo de indivíduos), a cognição (os estereótipos) e o comportamento (a discriminação)¹⁶.

Faz-se importante lembrar a origem da expressão *estereótipo* aplicada a pessoas.

Na impressão, o **estereótipo** é um molde de metal utilizado para gravar no papel imagens repetidas e idênticas de um caractere. Assim, (o jornalista norte-americano Walter) Lippman usou o termo por analogia (em 1978), referindo-se ao modo pelo qual as pessoas aplicam o mesmo caractere à impressão que têm de determinados grupos de indivíduos.¹⁷

¹⁴ FILOMENO, Felipe Amin. **Liberdade, igualdade (e fraternidade?): o capitalismo que rege o meio gay e as tendências que fazem o mundo cada vez mais individualista**. Disponível em <<http://mixbrasil.uol.com.br/troctroc/arena/liberdade/liberdade.asp>>. Acesso em 19 de maio de 2005.

¹⁵ NUNAN, 2003, p. 60. Grifos nossos.

¹⁶ Id. Ibid. loc. cit.

¹⁷ Id. Ibid. loc. cit.

Baseada nestas impressões, a sociedade brasileira vem exercendo violentamente sua hegemonia sobre cidadãos e cidadãs que não desejam viver em um regime familiar igual ao imposto pela igreja católica e pelas leis vigentes. Esta hegemonia mostra-se em forma de um forte preconceito, que não é mais que “opinião ou crença admitida sem ser discutida ou examinada, internalizada pelos indivíduos sem se darem conta disso, e influenciando seu modo de agir e de considerar as coisas” (MARCONDES; JAPIASSÚ, 1996). Então podemos dizer que o preconceito é uma visão ingênua transmitida culturalmente, que reflete crenças, valores e interesses de uma sociedade ou de um grupo social. Na sociedade brasileira, moralmente hipócrita, contra os homossexuais até o preconceito é diferente dos outros. Enquanto pessoas negras, protestantes, do sexo feminino são tratadas como naturalmente inferiores, mas conseguem circular livremente em qualquer das esferas, os homossexuais causam repulsa, incômodo, ódio e até medo. A imagem que se formou e que vem sendo reproduzida no discurso vigente é de que o homossexual é promíscuo, violento, mais propenso a molestar crianças etc. Uma maior visibilidade permitiria a este grupo a possibilidade de mostrar sua identidade, ou seja, quantas outras características fundamentais *gays*, *lésbicas*, *bissexuais* e *transgêneros* têm em comum com as pessoas que têm uma orientação heterossexual.

Dar visibilidade a modelos de amor e de família diferentes dos tradicionais seria uma forma de atenuar o preconceito contra homossexuais na sociedade brasileira. Está é uma das preocupações do movimento homossexual. Exemplo disso foi o lema da última Parada do Orgulho GLBT de São Paulo: "Temos família, temos orgulho". Esse tipo de proposta tem estado cada dia mais presente em paradas do Brasil e do mundo. Em

Campinas, o tema da Parada do Orgulho GLBT deste ano será "Tradição, Família e Diversidade", fazendo um trocadilho irônico com a associação conservadora "Tradição, Família e Propriedade". A foto de divulgação do evento mostra uma família composta por heterossexuais, *gays*, lésbicas e um travesti, ou seja, a diversidade sexual inserida no seio da família. O tema internacional do movimento em 2005 é "Direitos iguais: nem mais, nem menos", e a VIII Parada do Orgulho de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais e Simpatizantes de Brasília adotou o lema na manifestação de 05 de junho de 2005.

A falta de visibilidade de indivíduos homossexuais, de modo geral, resulta na falta de referências de pessoas semelhantes a eles, devido ao fato de que a sociedade brasileira tem ainda um forte preconceito contra pessoas que gostam de outras do mesmo sexo. Sendo a sociedade brasileira católica, machista, violenta e heterossexualmente hegemônica, pessoas homossexuais tendem a esconder sua identidade, muito embora tenham todas as condições para viverem dignamente, trabalhando, relacionando-se com outras pessoas e constituindo família. Verificando-se discursos de pessoas e de grupos homossexuais atualmente na Internet, porém, percebe-se que o processo de assumir a própria sexualidade costuma ser difícil, sendo comum a presença da depressão e da opressão.

Como em qualquer relacionamento, tiveram que **enfrentar problemas** no caminho, como a **depressão** do Walker, os ciúmes e inseguranças, a descoberta dos defeitos um do outro depois de um primeiro momento em que tudo parece ideal, a **oposição** da mãe de Alessandro nos seus últimos meses de vida. "Quando contei para minha mãe que era *gay* pedi para ela me perguntar tudo o que quisesse, para não ficar com as **imagens estereotipadas** dos homossexuais", conta Alessandro.

(Depoimento de um casal gay masculino sobre o processo de assumir o relacionamento homossexual, que já dura dois anos; Savignano¹⁸)

¹⁸ SAVIGNANO, 2005. Grifos nossos.

O movimento homossexual busca hoje o reconhecimento de outros modelos de família, entendida como local privilegiado de afetos, e não como um negócio jurídico. De novos modelos de famílias de casais do mesmo sexo, mães solteiras, mães lésbicas, pais solteiros, viúvos, *gays*, bissexuais, transexuais, famílias de filhos adotados, de filhos inseminados, todos que se sentem em família, no lar onde são criados, cuidados, tratados e amados.¹⁹

Há a proposta de união civil entre pessoas de mesmo sexo, da então Deputada Marta Suplicy, que garante direitos à pensão por morte do parceiro ou da parceira, divisão de bens em caso de separação etc. Mas esta proposta não dá a casais de pessoas do mesmo sexo outras garantias que o casamento oferece, como declaração conjunta de Imposto de Renda, inclusão do parceiro ou parceira como dependente em planos de saúde e clubes, possibilidade de adoção de filhos, entre outros. Pior ainda é a idéia defendida pelo jornalista Carlos Heitor Cony no programa *Liberdade de Expressão* da Rádio CBN no dia 23 de maio de 2005. Para ele, a união civil deveria ser uma opção para todas as pessoas que queiram se unir em contrato, deixando o casamento apenas para as pessoas religiosas que queiram se unir no âmbito de alguma igreja ou religião. Cremos que caso se aprovasse tal proposição, a conseqüência seria uma maior impessoalização nas relações humanas, de modo geral, em detrimento do cultivo de relações de amor, carinho e afeto. Citando o ditado popular, “além de não ajudar, atrapalha”.

¹⁹ RODRIGUES, Raquel. *Numa Europa social os trabalhadores não são só trabalhadores*, comunicação apresentada na *Cimeira Alternativa*, Lisboa, 24/3/2000. APUD SANTOS, A. C., In: SANTOS, 2003.

3 Representação gay na mídia brasileira

olhe de novo:
 não existem brancos.
 não existem amarelos.
 não existem negros.
 somos todos arco-íris.
Daltonismo, de Ulisses Tavares²⁰

A imprensa *gay* no Brasil foi inaugurada pelo jornal *O Snob*, lançado em 1963 no Rio de Janeiro. A publicação trazia fofocas, entrevistas, notícias, concursos de contos, humor e auto-afirmação. Chegou a render 99 edições, deixando de ser impresso em 1969 por causa do clima político da ditadura militar. *O Snob*, jornal artesanal mimeografado, inspirou mais de 30 publicações similares por todo o país.

A temática *gay* na grande imprensa brasileira, no entanto, começou a aparecer com mais frequência na década de 1970, como reflexo da discussão acerca do tema no âmbito internacional. Os artigos e as matérias informavam os leitores sobre ações legais e atividades (protestos, passeatas) voltadas à ampliação dos direitos democráticos para homossexuais nos Estados Unidos e na Europa. Já em 1969, o *Jornal da Tarde* publicou uma reportagem da *Reuters* sobre o *gay power* em São Francisco (EUA). No ano seguinte, *O Globo* cedeu espaço para a publicação de uma matéria da AP²¹ sobre a marcha do orgulho *gay* em Nova Iorque. Em 1971, o mesmo jornal publicou um pequeno artigo sobre um grupo italiano pelo direito dos *gays* e uma reportagem sobre a segunda marcha de Nova Iorque²². Essas primeiras iniciativas

²⁰ TAVARES, Ulisses. *In Aos poucos fico louco*. [S.l.] Scipione, 2004.

²¹ Associated Press

²² GREEN, 2000.

foram seguidas, ao longo daquela década, por outros fatos internacionais que trouxeram mais informações aos leitores sobre os esforços de grupos de gays e lésbicas (norte-americanos, europeus e um argentino²³) que reivindicavam a legalização dos casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Esses grupos também buscavam a eliminação da classificação de homossexual da Associação Psiquiátrica Americana, que descrevia a homossexualidade como uma doença.

Também na imprensa alternativa, aquela que conseguia burlar a censura imposta pela ditadura militar no Brasil, as menções à homossexualidade e aos movimentos homossexuais eram esparsas e irregulares. No início da década de 1970, a única exceção foi o jornal *Já*, produzido por um grupo de jornalistas dissidentes d'*O Pasquim*, que circulou durante a segunda metade de 1971.

O semanário tinha uma coluna intitulada “Gay Power” e uma série de notas breves e notícias reunidas e assinadas por Sylvio Lamenha. Fosse ou não esse o verdadeiro nome do colunista, seus artigos apresentaram um contraste marcante em relação àqueles escritos para *O Snob* e outras publicações artesanais, cujos jornalistas assumiam uma personagem pública feminina. (...) A “Gay Power” apresentava vinhetas sobre homossexuais brasileiros e europeus famosos, recomendava livros e peças que enfocavam a homossexualidade sob uma luz favorável e trazia notícias do início de um movimento político gay na Europa. Publicava também informações sobre bares gays no Rio e em São Paulo.²⁴

A coluna “Gay Power” foi a primeira em seu gênero no Brasil e inaugurou uma abordagem mais aberta da homossexualidade. Apenas alguns anos mais tarde instituiu-se a chamada mídia gay no Brasil, com o surgimento de jornais como o *Lampião da*

²³ Frente de Liberação Homossexual, primeiro grupo de direitos gays sul-americano. GREEN, 2000, p. 417.

²⁴ GREEN, 2000, p. 417.

Esquina, em 1978. O jornal foi lançado meses antes de surgir o primeiro grupo *gay* brasileiro, o Somos: Grupo de Afirmação Homossexual.

Nos primeiros 50 anos da televisão no Brasil, a presença homossexual tem sido freqüente. Desde a década de 1960, novelas e seriados nacionais têm apresentado homossexuais, quase sempre em uma das duas formas opostas, porém igualmente preconceituosas quais sejam o *homossexual violento* e o *homossexual efeminado*. Na maioria dos casos, estes personagens foram assassinos passionais, mordomos psicopatas, cabeleireiros, atores ou bailarinos. Estas formas de representação passaram a ser ferramentas para alavancar os índices de audiência, e acabaram reforçando uma imagem da homossexualidade como algo exótico, bizarro, diferente ou anormal.²⁵

A partir de 1980, com a crescente epidemia da AIDS, toda a sociedade brasileira se viu obrigada a tratar de forma mais clara, direta e franca a questão da homossexualidade. As discussões que se travaram ao longo das décadas de 1980 e 1990 já não tinham interesses meramente acadêmicos, mas também por exigências práticas em função das pesquisas sobre o tratamento para a doença. Assim, a mídia brasileira iniciou um processo de tratamento mais igualitário aos homossexuais. No entanto, a grande mídia de entretenimento seguiu reafirmando os estereótipos relacionados à homossexualidade no Brasil. A cada ano são mais freqüentes os personagens homossexuais nas telenovelas brasileiras, principalmente nos folhetins da Rede Globo de Televisão. A crítica do movimento homossexual à abordagem que as novelas fazem de personagens homossexuais é no sentido de que a maioria deles reforça o

²⁵ NUNAN, 2003.

estereótipo do *gay* masculino exageradamente efeminado, ou outras das abordagens vistas como negativas pela sociedade em geral.

Não apenas eles quase sempre nos mostram como fracos e bobos, ou maus e corruptos, mas eles excluem e negam a existência de *gays* e lésbicas normais, não-extraordinários. *Gays* comuns, em papéis que não estão centrados no seu desvio como uma ameaça à ordem moral que deve ser contrarrestada através do ridículo ou da violência física, raramente são apresentados na mídia. (...) A representação estereotipada de *gays* e lésbicas como anormais e a supressão de imagens positivas ou “não-extraordinárias” serve para manter e policiar as fronteiras da ordem moral.²⁶

Ao mesmo tempo, uma outra corrente do movimento *gay* defende que qualquer que seja o tipo de representação de *gays* e lésbicas, já é um avanço, pois confere visibilidade à “comunidade *gay*”²⁷.

Muniz Sodré chama a atenção para a naturalidade com que o receptor recebe a mensagem da televisão, no interior de sua casa de forma fácil, prática e econômica para o usufruto do lazer, dispensando a locomoção do espectador, entrando instantaneamente em qualquer parte. Por outro lado, assinala que “o conhecimento emanado pela televisão consiste num saber comum: todos vêem as mesmas novelas, ou assistem aos mesmos programas”²⁸. Junte-se a isso que a sociedade tradicional está muito mais organizada em torno dos papéis sexuais do que do valor simbólico dos desejos sexuais²⁹, tem-se que o resultado desta combinação é a reprodução da díade *bicha/homem* de que falamos no capítulo anterior, reforçando os estereótipos

²⁶ GROSS, L. Don't ask, don't tell: lesbian and *gay* people in the media. In: LESTER, P. M. (ed.) Images that injure: pictorial stereotypes in the media. Connecticut: Praeger, 1996. p. 149-159. APUD SANTOS, 2003, p. 97.

²⁷ “Por fim, é importante ressaltar que, tanto as novelas quanto o BBB, apóiam-se em uma tendência majoritária do movimento GLBT: a de que qualquer visibilidade serve e, principalmente, a de que a ‘luta’ dos homossexuais deve ser pela integração e aceitação na sociedade capitalista.” SILVA, 2005.

²⁸ SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala*. Petrópolis: Vozes, 1977. APUD CAMPEDELLI, 1987.

²⁹ PARKER, 2002.

hierárquicos (relação ativo/passivo de poder numa relação afetivo-sexual) impostos pela heterossexualidade hegemônica.

Sobre o impacto causado pela influência das telenovelas em particular e da televisão de modo geral,

pode-se supor (...) que a conformidade com uma norma preconceituosa seja simplesmente resultado da inexistência de informação correta e da preponderância de estereótipos negativos transmitidos através de boatos ou dos meios de **comunicação de massa**. Dada nossa tendência de aceitar aquilo que vemos representado com maior freqüência (a não ser que existam razões poderosas para que isto não ocorra), torna-se extremamente difícil levar em consideração informações mais corretas se estas não são representadas. Assim, tal como exposto acima, a mídia (em geral) e a publicidade (em particular), tornam-se poderosos **agentes de socialização e disseminadores de opinião**, adquirindo um papel fundamental na construção e perpetuação de estereótipos, devendo, portanto, ser levadas em consideração durante qualquer tentativa de análise do fenômeno do preconceito.³⁰

Os meios de comunicação de massa, principalmente no Brasil, onde a cultura da mídia foi cultivada muito fortemente desde a época do rádio e principalmente depois da chegada da televisão, têm um enorme poder de modificar crenças e culturas, de estimular debates e diálogos francos sobre qualquer tema, incluindo a sexualidade. No entanto, apesar de notarmos uma maior presença de homossexuais na mídia nos últimos anos, isso não tem se traduzido, necessariamente, em uma melhoria das condições de vida de *gays* e *lésbicas*³¹.

Em suma, apesar de a homossexualidade ainda ser freqüentemente tratada na televisão brasileira de maneira estereotipada ou excessivamente cuidadosa (atenuando a realidade gay, para não “chocar” os telespectadores), as iniciativas de determinados autores

³⁰ RODRIGUES, A. e cols. Preconceito, Estereótipos e Discriminação. In: Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 149-178) APUD Nunan, 2003, p. 68-69. Grifos nossos.

³¹ NUNAN, 2003.

para dar maior visibilidade aos homossexuais não deve ser menosprezada, sobretudo se levarmos em conta a ampla difusão que as novelas têm em nossa sociedade. (...) A visibilidade dos gays aumentará não só com uma maior exposição na mídia, mas também como uma consequência direta dos ganhos obtidos pelo movimento homossexual.³²

³² NUNAN, 2003.

4 Senhora do Destino e o Big Brother Brasil 5:

gays na programação da Rede Globo de Televisão

*Sinto um fogo sutil correr de veia em veia
por minha carne, ó suave bem querida,
e no transporte doce que a minha alma enleia
eu sinto asperamente a voz emudecida.
Safo*

A partir do ano de 2004, percebe-se uma mudança na abordagem da Rede Globo de Televisão sobre a homossexualidade, enquanto vem apresentando representações de personagens gays e lésbicas mais próximos à realidade. O maior exemplo disso é o “sucesso” do casal de lésbicas Eleonora e Jenifer de *Senhora do Destino*³³.

A novela contou a história de uma retirante nordestina que foi para o Rio de Janeiro tentar melhorar a vida, levando a tiracolo seus cinco filhos. A mais nova, ainda recém nascida, foi roubada pela vilã da novela e então a protagonista (Maria do Carmo) passou a dedicar sua vida lutando, à busca pela filha. A sinopse disponível na página da novela no portal Globo.com diz:

Uma novela sobre e para o brasileiro trabalhador. Uma história sobre pessoas que vencem na vida através do próprio esforço. Uma trama que traz como tema central Maria do Carmo, mãe de cinco filhos, que venceu na vida através de muita luta, mas que terá como grande batalha a reconquista de sua filha, seqüestrada ainda recém-nascida. Relações e conflitos familiares temperados com o resgate de valores já esquecidos pela sociedade são as principais propostas do autor

³³ Telenovela de Aguinaldo Silva, exibida pela Rede Globo de Televisão entre 28/06/2004 e 11/03/2005.

Aguinaldo Silva para *Senhora do Destino*. (...) A novela estréia em 28 de junho e promete fazer o país se emocionar.³⁴

Eleonora e Jenifer entraram nos lares brasileiros como duas jovens de classe média que fazem a opção de ficar juntas, sem maiores dramas (leia-se sem grandes quedas nos índices de audiência). A primeira era sobrinha da protagonista; a segunda, filha do ex-bicheiro da comunidade, por sua vez apaixonado por “Do Carmo”. O grande dilema pessoal vivido pelas personagens foi a dificuldade de assumir uma relação lésbica diante das respectivas famílias. Mais especificamente, o medo maior das duas estava relacionado ao tipo de reação que os respectivos pais (não as mães) teriam, representando de forma sutil, quase imperceptível e não comentada pela grande mídia, a opressão exercida até os dias de hoje pela sociedade masculina.

Senhora do Destino mostra também o casal formado por Uiracy (*gay* efeminado com trejeitos exagerados, carnavalesco da escola de samba do bairro) e Turcão, (*barbie* bissexual suburbano que não tem falas durante a novela, limitando-se a obedecer aos caprichos de Uiracy). Eles vivem juntos, assumem sua relação diante da comunidade, convivem e interagem com todas as pessoas do bairro e são bem aceitos, apesar de sua orientação sexual.

Uiracy é o melhor amigo de Nalva, a rainha da bateria da escola de samba do bairro, inicialmente cunhada de Maria do Carmo. Ele é divertido, criativo, inteligente, tem senso de humor, é compreensivo e boa gente. Todos na comunidade gostam dele; apenas João Manoel (personagem de Heitor Martinez), filho do ex-bicheiro Giovanni Improtta (José Wilker), “estranha” Uiracy, olhando torto e soltando piadinhas preconceituosas.

³⁴ Disponível em <www.globo.com/senhoradodestino>. Acesso em 25/05/2005.

O interessante é que mesmo com a raridade com que aparecem, as falas de João Manoel sempre são repreendidas por quem quer que esteja por perto, em nome da igualdade de direitos e do respeito à diversidade.

Eleonora e Jenifer são consideradas o primeiro casal homossexual não rejeitado na história da teledramaturgia brasileira³⁵. A comunidade *gay* brasileira de modo geral comemorou a aceitação das duas, muito embora alguns estudiosos do tema e segmentos do movimento homossexual achem que o avanço foi muito pequeno.

A cantora, compositora, escritora, e militante homossexual Vange Leonel, colunista da *Folha de S. Paulo*, declarou: “ficamos muito contentes com o avanço na abordagem do tema, mas ainda frustrados pelo fato de ter de ser tão sutil, de não poder haver beijo para que não haja rejeição”³⁶.

Ubiracy e Turcão tampouco foram rejeitados, mas não chegaram a gerar grandes debates públicos. Acreditamos que tal se deva ao fato de os personagens comporem um par homossexual estereotipado de acordo com o imaginário heterossexual hegemônico (díade *bicha/homem*). Durante o processo de coleta de material de pesquisa (citações dos personagens homossexuais da novela), o personagem Ubiracy foi citado apenas três vezes pelo *Correio Braziliense* (CB), excluindo-se as sinopses dos capítulos, publicados semanalmente pelos jornais de maior circulação no país. Uma

³⁵ Entrevista de Aguinaldo Silva ao *Correio Braziliense*, **Correio Braziliense**, Brasília, 23 fev. 2005, p. C-1.

³⁶ *Gays ficam felizes e frustrados com novela: “Senhora do Destino” mostra lésbicas acordando juntas na cama, seminuas; militantes falam em “avanço”*. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 nov. 2004, p.C-13.

destas citações foi feita pelo autor Aguinaldo Silva em entrevista concedida ao CB;³⁷ a segunda é um breve perfil do ator e do personagem;³⁸ a terceira refere-se a uma “gracinha” que o personagem de José Wilker, o bicheiro Giovanni Improtta, sempre faz diante das “desmunhecadas” de Ubiracy.³⁹

A não rejeição a Eleonora e Jenifer

O relacionamento amoroso entre Eleonora (Mylla Christie) e Jenifer (Bárbara Borges) na novela *Senhora do Destino* foi apresentado de forma bem distinta de como foi apresentada a relação de Leila (Silvia Pfeiffer) e Rafaela (Cristiane Torloni) em *Torre de Babel*.⁴⁰ As duas últimas foram apresentadas ao público, em 1998, como um casal de lésbicas – femininas, na faixa dos 40 anos, profissionalmente realizadas e bem-

³⁷ “Também valeu a experiência de manobrar temas polêmicos, como o casal de lésbicas, o primeiro a não ser rejeitado pelo público de telenovela, e o gay Ubiracy (Luiz Henrique Nogueira) com o bissexual Turcão (Marco Vilela)”. **Correio Braziliense**, Brasília, 23 fev. 2005, página C-1.

³⁸ **PERSONAGEM PERFEITO**. Luiz Henrique Nogueira convence tanto na pele do homossexual Ubiracy em *Senhora do Destino* que o público vive lhe perguntando nas ruas se ele é “afetado” como o personagem na vida real. “Encaro isso numa boa. Acho engraçado”, garante o ator de 33 anos, que sai pela tangente na hora da resposta. O fato de o personagem ter caído no gosto do público é um incentivo a mais para Luiz Henrique, que enviou fita de vídeo para o autor Aguinaldo Silva na esperança de conseguir um papel na novela. Agradou tanto que o carnavalesco Ubiracy foi criado especialmente para ele, pois não constava na sinopse original. “O mais bacana é que o personagem evoluiu. Ganhou história própria e um namorado”, comemora. **Lógico que ele e o poderoso Turcão serão felizes para sempre**. **Correio Braziliense**, Brasília, 10 mar. 2005, p. TV-8.

³⁹ Aguinaldo Silva se diverte à beça quando escreve as cenas em que Giovanni Improtta comete atentados contra a língua portuguesa. A idéia de criar um personagem que se expressa de maneira tão peculiar surgiu quando assistia à entrevista de um militar de alta patente que não chegava a falar errado, mas rebuscava tanto o linguajar que dava a impressão de não dizer coisa com coisa. Das pérolas que o personagem de José Wilker já soltou em *Senhora do destino*, a preferida do autor é: “Toca pra frente, Valdir, porque o tempo ruge e a Sapucaí é grande!” Silva também adora quando Giovanni solta um “epa!” ao ver uma desmunhecada de Ubiracy, o carnavalesco da Unidos de Vila Miguel. **Correio Braziliense**, Brasília, 22 ago. 2004, p. TV-2.

⁴⁰ Telenovela de Alcides Nogueira e Bosco Brasil, exibida pela Rede Globo de Televisão a partir de 25/05/1998.

sucedidas. Moravam em um apartamento amplo e bem decorado em zona nobre do Rio de Janeiro, tinham um mordomo e eram sócias em uma loja de roupas chiques em um *shopping center*. Logo no início da novela, foi ao ar a cena de um banho das duas juntas, em que se podia ver através do vidro embaçado a silhueta das duas mulheres. Esta foi a “deixa” para confirmar ao público que se tratava de um casal lésbico. As personagens não foram aceitas pelos espectadores e nem pelos anunciantes, e o autor se viu obrigado a deixá-las dentro do shopping no capítulo da explosão. As duas morreram queimadas, como na Inquisição.

Já em *Senhora do Destino*, as duas amigas foram percebendo aos poucos que sentiam “algo mais” uma pela outra, tiveram longas e difíceis conversas sobre o que estavam sentindo, se seria possível levar uma relação homossexual adiante, se realmente estavam decididas, se deveriam contar para as famílias, como o fariam, ou seja, o público teve a oportunidade de acompanhar todo o processo de descoberta e decisão por que elas passaram. Além disso, tratava-se de duas jovens estudantes universitárias na faixa dos 20-25 anos, de classe média, católicas, absolutamente femininas, que queriam constituir família e ter filhos. Todo o ideário católico e conservador esteve presente na relação das duas, exceto por serem duas mulheres, e não um casal heterossexual.

Acreditamos que também possa ter sido um fator favorável à trama o fato de que a maioria dos homens, de modo geral, tem a fantasia de ter duas mulheres em sua cama,

servindo-lhe sexualmente⁴¹. Desta forma, sendo que as duas personagens foram representadas por atrizes que se adequam perfeitamente ao padrão de beleza vigente (brancas, loiras, magras, pernas grossas, pele bronzeada, peitos e bundas firmes e com tamanho ideal, nem baixas nem altas), o público masculino também aprovou o “casamento” de Léo e Jenifer.

Ubiracy e Turcão

Ubiracy era o personagem do ator Luiz Henrique Nogueira em *Senhora do Destino: gay* assumido, do tipo efeminado, expansivo, engraçado e divertido. Ele esteve presente desde os primeiros capítulos da novela, já que não podia faltar o carnavalesco a uma comunidade que vive em torno de uma escola de samba no subúrbio do Rio de Janeiro. Desta vez, o “gay da vez” também era inteligente, perspicaz, boa gente, amigo, companheiro e competente no que fazia. Não fugiu muito ao estereótipo incrustado no imaginário do brasileiro, muito freqüentemente veiculado pelos grandes veículos de comunicação. A diferença dessa vez foi que, assim como o casal lésbico, era uma

⁴¹ Este argumento também foi encontrado na grande mídia impressa. “Laura Finocchiaro, cantora, compositora e militante homossexual, comemora o fato de a Globo, em horário nobre, ter aberto espaço à questão. ‘Isso tem mais impacto do que qualquer parada [gay]’, diz. ‘É claro que há o machismo de exibir ‘lesbian chic’, que duas mulheres juntas sustentam uma fantasia masculina. Mas foi uma iniciativa bacana’”. *Gays* ficam felizes e frustrados com novela: “*Senhora do Destino*” mostra lésbicas acordando juntas na cama, seminuas; militantes falam em “avanço”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 nov. 2004, p.C-13.

pessoa comum, pertencente à comunidade, e não se transformou em vilão em nenhum momento da novela. Também era bem aceito pela comunidade, com algumas exceções. Estas ficaram por conta de um ou outro comentário dos “machões” de Vila São Miguel (cenário da novela), que sempre receberam respostas repreensivas imediatamente – muitas vezes por parte do personagem de José Wilker, o bicheiro Giovanni Improtta⁴².

Um outro casal *gay* masculino marcante presente em uma telenovela foi composto por André Gonçalves e Lui Mendes, que interpretavam Sandro e Jefferson, respectivamente, há exatamente uma década. “(Em *A Próxima Vítima*, 1995⁴³) dois garotos (um negro e um branco), depois de muitos percalços, acabaram juntos. Nas ruas, contudo, os atores André Gonçalves e Lui Mendes sofreram uma série de ataques, sendo que André chegou a ser espancado”, como lembra Wilson H. Silva, em seu artigo publicado no portal Mix Brasil⁴⁴.

Embora o processo de descoberta da homossexualidade dos dois jovens de 1995 tenha também sido mostrado ao longo do folhetim, como no caso de Léo e Jenifer, foi muito mais difícil convencer o público telespectador da normalidade daquela relação. Ambos eram jovens de classe média, filhos de famílias conservadoras e nenhum dos dois tinha trejeitos efeminados. Eram simplesmente dois rapazes “normais” que sentiam atração afetiva e sexual um pelo outro, portanto representavam o tipo de relacionamento em que não há, necessariamente, imposição dos “poderes” masculinos sobre a figura feminina.

⁴² Ver 5º parágrafo deste capítulo.

⁴³ Novela de Sílvio de Abreu, exibida pela Rede Globo de Televisão a partir de 13/03/1995.

⁴⁴ SILVA, 2005.

Já no caso de Uiracy e Turcão, reproduziu-se a velha díade bicha/homem, reafirmando as relações de poder hierárquicas pretendidas pela hegemonia heterossexual. Além disso, o “macho” da relação, um homem grande, moreno e malhado tem um *affair* com uma “louraça” que aparece em um capítulo da novela em um carro de luxo vermelho, amenizando-lhe a culpa de viver um relacionamento *gay*. Turcão poderia ainda representar um indivíduo da categoria “michê”, que se prostitui com homens e/ou mulheres e comumente opta pela homossexualidade depois de alguns anos de experiência. Ou seja, não reconhecemos nenhum avanço na representação de *gays* masculinos além da contribuição à visibilidade homossexual. Tudo permanece como antes.

5 Jean Wyllys, o gay mais querido do Brasil

Ao mesmo tempo em que a telenovela do horário nobre atinge seu ápice, a Rede Globo de Televisão, por meio da Central Globo de Produção e em conjunto com a Central Globo de Jornalismo, lança a quinta edição do *reality show Big Brother Brasil*, que traz entre os participantes o jornalista e professor universitário baiano (negro e de origem pobre) Jean Wyllys, homossexual assumido e dito intelectual.

Já no vídeo de apresentação que o professor – como ficou sendo tratado durante o programa – enviou para a produção do *BBB5* durante o período de seleção, sua orientação sexual era explicitamente declarada, embora em nenhum momento esta informação tenha sido transmitida pela emissora ao público de forma clara e direta. Porém, logo na primeira semana do programa, quando Jean foi indicado pela turma opositora a ele para a eliminação, veio a declaração diante de toda a sociedade brasileira, no conforto de seus sofás.

“Eu sabia que seria o preferencial, por ser *gay*. Basicamente, por esse motivo. Ou porque eles não tinham opção”, surpreende Jean, ao responder ao apresentador Pedro Bial como se sentia com a indicação. Bial quer deixar as coisas claras: “Um critério preconceituoso?”. “Extremamente”, confirma Jean⁴⁵.

Esta cena entrou nos lares brasileiros com a mesma naturalidade com que entram as informações do Jornal Nacional, do Globo Repórter ou das telenovelas. Aquele que ali estava declarando sua orientação homossexual era um rapaz de origem humilde,

⁴⁵ Diálogo entre Jean Wyllys e o apresentador do *BBB5* Pedro Bial no dia 16/01/2005, durante a apresentação ao vivo na TV aberta, do *BBB5*. Disponível na página de notícias do *BBB5* <www.globo.com/bbb>. Acesso em 25 mai. 2005.

lutador, vencedor, sem trejeitos ou maneirismos, simpático e, para completar, um professor universitário – o primeiro na história do *BBB*.

Reunindo todas estas qualidades, Jean passou ileso pelo primeiro paredão, com a preferência de 50,49% dos votos do público. A votação apresentou um fenômeno inédito nas outras edições do *BBB*: até início do programa do dia 16/01/2005, Jean tinha cerca de 70% dos votos pela sua eliminação, o que manteria a baiana Juliana dentro da casa por mais uma semana. Houve então uma ampla mobilização da comunidade *gay*, iniciada pelos movimentos de defesa dos direitos dos homossexuais, pela permanência de Jean na casa.⁴⁶

Na semana seguinte, Jean foi novamente indicado pelo grupo para a eliminação, sendo que desta vez conseguiu 61% de votos a seu favor. Semanas depois, foi indicado novamente ao paredão, e voltou com 64% dos votos contra sua adversária. Mais uma prova de fogo, e Jean ficou na casa com 76% da preferência nacional. E, no último dia do confinamento, venceu o jogo e ganhou R\$ 1 milhão, com 55% dos mais de 30 milhões de votos. A mídia, de modo geral, noticiou a vitória de Jean como “a vitória da ética”.

A vitória da ética. Com 55% dos votos, Jean é o grande campeão do Big Brother Brasil 5. Com 55% dos votos, o professor baiano leva para casa o prêmio inédito de R\$ 1 milhão. Homossexual - condição assumida logo no primeiro paredão - intelectual e humanista, Jean passou 79 dias na casa defendendo valores que pareciam um tanto fora de lugar num programa em que pessoas traem umas as outras para se tornarem celebridades ou levarem para casa uma quantia que pode significar uma mudança de vida radical. Jean defendeu a ética, a amizade e a cultura brasileira. Bem mais culto do que a média dos participantes do reality

⁴⁶ “Grupo Arco-Íris faz nova corrente a favor da permanência de Jean”, disponível em <<http://mixbrasil.uol.com.br/extra!/tudosobrejean/tudosobrejean1.asp>>. Acesso em 21 mar. 2005.

show, o campeão Jean personifica a esperança num Brasil melhor no futuro.⁴⁷

O termo “ética” refere-se ao comportamento de Jean Wyllys dentro da casa do *BBB5*, acompanhado das participantes Pink e Grazielli. Jean claramente liderou o grupo oponente aos chamados “Gigantes”, a turma que perseguiu sua eliminação desde a primeira semana do programa, supostamente por uma questão de homofobia.

O que ocorreu nesta última edição foi a formação logo de cara de uma dupla – Rogério e PA (Paulo André) – que provocou uma explosão dentro da casa. A eles se juntaram Giulliano e Alan e a partir de então a maioria se uniu em torno de um líder carismático, que era o Doutor Ge (Rogério), contra um só inimigo, o Jean. Mais do que preconceito, foi uma clara demonstração de homofobia.⁴⁸

Jean Wyllys não faz o tipo homossexual efeminado, nem violento, nem cultua o corpo. Durante todo o programa, sempre foi discreto quanto à sua sexualidade, embora sua orientação sexual tenha sido explicitada em conversas com outros participantes desde o início.

A escolha de Jean Wyllys pela produção do *BBB5* levanta discussões sobre os motivos que levaram a equipe a incluí-lo no programa. Desde a primeira edição do *reality show*, o público se pergunta em que se baseiam as decisões sobre que candidatos são os eleitos para entrar na casa. É comum ouvirmos “conversas de botequim” em que pessoas afirmam que os participantes têm alguma ligação anterior com a Rede Globo – ou já posaram para fotos, ou já fizeram pequenas participações em figurações de novelas e programas humorísticos. No caso de Jean, até agora não se descobriu nada

⁴⁷ Disponível na página de notícias do *BBB5* <www.globo.com/bbb>. Acesso em 25 mai. 2005.

⁴⁸ **Bial avalia a quinta edição do BBB: o apresentador Pedro Bial conversou com a equipe da Globo.com e falou sobre a quinta edição do Big Brother Brasil.** Disponível na página de notícias do *BBB5* <www.globo.com/bbb>. Acesso em 19 mai. 2005.

neste sentido, fazendo intuir que a Globo queria incluir o debate sobre homossexualidade nos lares brasileiros.

No entanto, Pedro Bial, o apresentador do *BBB* desde a primeira edição, afirma que a entrada de um participante inteligente eleva o nível do programa.

O sucesso se deve à direção, edição, produção, apresentação, enfim, já estamos na quinta edição e encontramos uma forma brasileira de fazer o Big Brother Brasil. É um programa imprevisível que nasce a partir do encontro dos participantes. A gente nunca sabe como vai ser depois da seleção dos novos BBs. (...) O programa tem uma particularidade: os participantes fazem o que querem. O PA disse bem no início do programa que para ganhar o prêmio só não valia matar nem roubar. Só que tudo tem seu preço. O público está de olho e elimina. Foi o que aconteceu. O destaque positivo foi ver como a presença de um participante inteligente estimula a inteligência dos demais e os eleva. E o Jean é uma pessoa que está sempre disposta a dividir seu conhecimento com os companheiros. As conversas sempre foram mais divertidas, mais interessantes. Isso é muito bom num país como o Brasil, tão carente de cultura e informação.⁴⁹

Segundo Maria de Lourdes Motter (coordenadora do Núcleo de Telenovelas da USP), “eles (produtores do *BBB*) conduzem a história e, com isso, criam esses personagens. Favorecem quem está mais popular, e está certo. O negócio deles é audiência e, para ter isso, precisam agradar ao público”⁵⁰. Ou seja, acreditamos que a Rede Globo de Televisão manipulou o público telespectador do *BBB5*, ainda que em pequena medida, por meio das edições dos programas e da escolha das provas, favorecendo a permanência do *big brother* Jean Wyllys. Um exemplo claro disso foi a prova do líder na quarta semana do programa, chamada de “Altos e Baixos”, em que os participantes foram vendados e sentados em cadeiras com as mãos sobre as pernas. As respostas

⁴⁹ **Bial avalia a quinta edição do BBB: o apresentador Pedro Bial conversou com a equipe da Globo.com e falou sobre a quinta edição do Big Brother Brasil.** Disponível na página de notícias do BBB5 <www.globo.com/bbb>. Acesso em 19 mai. 2005.

⁵⁰ BBB2 – Falta romance. *Correio Braziliense*, Brasília, 08 fev. 2005, p. C-6.

eram “verdadeiro”, “falso” ou “mais ou menos” e quem errasse na resposta seria imediatamente eliminado da prova. O professor de Cultura Brasileira e Baiana do curso de Comunicação Social da UFBA acertou todas as respostas, ganhando a liderança, a imunidade e a admiração da massa telespectadora, em um momento delicado do programa. A turma dos “Gigantes” tinha combinado votos entre si e Jean seria novamente “emparedado”.

6 Parece que há mesmo um pote de ouro no fim do arco-íris

“O Frango não admite nenhum tipo de discriminação. O Frango é GLS. Até porque ‘bicha’ compra; ‘bicha’ consome; ‘bicha’ aquece a economia!”

Ademilde, proprietária da loja de departamentos “Frango com Tudo Dentro”, personagem de Arlete Sales em A Lua Me Disse (novela da Rede Globo), em 25 de maio de 2005.

Este capítulo é dedicado à análise qualitativa do conteúdo de textos publicados nas versões impressas da *Folha de S. Paulo*, visando identificar uma suposta mudança na maneira como a aparição de personagens homossexuais na grande mídia de entretenimento foi tratada. Contudo, uma maior mudança de comportamento da mídia informativa foi verificada na TV. Por isso, incluiremos uma rápida análise também de algumas matérias veiculadas pela Rede Globo em 2005 sobre homossexualidade.

A mídia impressa

Para falar sobre a representação de homossexuais na mídia impressa nos últimos dez anos, é preciso ressaltar que em 1987 o movimento *gay* brasileiro conseguiu modificar o Código de Ética dos Jornalistas, incluindo a proibição da discriminação por orientação sexual. Naquele momento, havia uma discussão em curso sobre a aplicação da

expressão “orientação sexual” como alternativa a uma construção simbólica discriminatória no que diz respeito ao comportamento e à identidade sexuais. A inclusão da expressão “orientação sexual” no Código de Ética dos Jornalistas representaria a possibilidade de garantia da expressa proibição da discriminação por orientação sexual, não contemplada nas reivindicações pela não discriminação em razão de sexo (luta feminista).⁵¹

Com o intuito de ter a clareza de que a expressão “orientação sexual” seria mais adequada que quaisquer outras, o Grupo Triângulo Rosa/RJ enviou uma correspondência aos sindicatos dos jornalistas datada de 23 de outubro de 1986, em que informava sobre as definições de sexo e orientação sexual.

Sexo: característica biológica. Só há dois sexos: masculino e feminino, os quais são determinados pela configuração do aparelho reprodutor (interno e externo) ao nascer.

Orientação sexual: expressão utilizada na linguagem das ciências sociais para englobar os três únicos tipos de comportamento e identidade sexuais dos seres humanos: heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade. Cabe ressaltar que “orientação sexual” independente de gênero, refere-se a comportamento e identidade sexuais. (Documento elaborado pelo Triângulo Rosa [encaminhado ao XXI Congresso Nacional dos Jornalistas] – 23 de outubro de 1986.)⁵²

Portanto, tanto no *Correio Braziliense* como na *Folha de S. Paulo*, as referências dos veículos à homossexualidade são, de modo geral, politicamente corretas, de acordo com o Código de Ética dos Jornalistas. Apesar de raramente os veículos se posicionarem favoravelmente quanto à luta pelos direitos dos homossexuais, o tema tem sido tratado de forma cada vez mais clara e freqüentemente abordado em

⁵¹ CÂMARA, 2002.

⁵² Id. Ibid. p. 95.

entrevistas com autoridades e celebridades. Verificamos que embora a sociedade brasileira continue machista e violenta, as declarações pessoais têm sido mais tolerantes quanto à causa *gay*. As menções de teor preconceituoso aparecem na voz de articulistas ou de pessoas e entidades entrevistadas, o que isenta os veículos da responsabilidade sobre tais posicionamentos.

A seguir, reproduziremos trechos de alguns destes textos publicados na *Folha*, considerados relevantes ao que procuramos demonstrar.

A Próxima Vítima

▼ A seguir, militantes homossexuais opinam sobre a trama *gay* da novela *A Próxima Vítima*:

Raimundo Pereira da Silva, 34, secretário internacional do Grupo Atobá (RJ) – “Espero que Sandro e Jefferson marquem o início de um novo tempo na televisão. Cansei de ver novelas e minisséries retratando homossexuais como bandidos, pervertidos ou palhaços. É ótimo que, agora, a Globo se preocupe em mostrá-los de maneira mais realista, sem preconceito. Lamento apenas a pouca proximidade física entre os dois personagens. Claro que não precisam trocar beijos nem transar em cena. Mas poderiam, pelo menos, se abraçar. É hipocrisia da Globo não admitir a homossexualidade de Sandro e Jefferson para a imprensa. A emissora deveria assumir a polêmica de uma vez e enfrentar as forças contrárias”.

Luiz Mott, 49, presidente do Grupo Gay da Bahia e autor do livro “O Lesbianismo no Brasil” – “Sandro e Jefferson são muito tímidos, muito pudibundos. Trocam olhares lânguidos, tocam-se pouco, insinuam um afeto que não faz jus à Paulicéia Desvairada, à cidade maluca em que vivem. Parecem morar na Inglaterra vitoriana. Não me surpreende que a Globo tente esconder da imprensa a relação homossexual entre os personagens. É mais uma prova de que também o meio artístico alimenta preconceitos contra os *gays*”.

Luiza Granado, 35, coordenadora da Rede de Informação Um Outro Olhar (SP) – “Quando a televisão resolve discutir o homossexualismo com sobriedade, sem apelar para o escândalo, acaba ajudando no combate às injustiças de que *gays* e lésbicas são vítimas. Espero que

Sandro e Jefferson tenham um final feliz. Tomara que não morram antes de a novela terminar.”

Toni Reis, 30, secretário-geral da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT), com sede em Curitiba – “Sinto-me dignamente representado por Sandro e Jefferson. A novela os apresenta como cidadãos. Os dois estudam, têm família e amigos. Não são irresponsáveis nem folclóricos como os personagens de programas humorísticos. Não saem rebolando pelas ruas à caça de parceiros. Também não se comportam como os tipos exóticos que o dramaturgo Nelson Rodrigues criou. Não são suicidas nem assassinos em potencial. Tratar os homossexuais na televisão com delicadeza, sem exageros, eleva a auto-estima da comunidade *gay*. Compreendo que a Globo não queira fazer alarde do assunto para a imprensa. O tema é mesmo explosivo. Convém tratá-lo com prudência”.⁵³

▼ Quem acompanha *A Próxima Vítima* – que a Globo exibe desde março, às 20h30 – fica confuso quando vê os jovens Sandro (André Gonçalves) e Jefferson (Lui Mendes) em cena. Nenhum dos dois possui os trejeitos que costumam caricaturar *gays* e lésbicas na televisão. Em contrapartida, não se desgrudam nem têm namoradas. Trocam olhares carinhosos, tratam-se com cumplicidade, mas dizem que são apenas bons amigos. Os outros personagens da novela ainda não desconfiam que, por trás da amizade, se esconde um envolvimento amoroso. A única que, às vezes, manifesta alguma dúvida é Fátima, a mãe de Jefferson, interpretada pela atriz Zezé Motta. A sinopse mostra que a suspeita faz sentido. Logo às primeiras páginas, descreve Jefferson como bonito, alto, atlético, negro e homossexual, mas “sem nenhum trejeito ou maneirismo”.⁵⁴

▼ Homossexuais do Rio estão preocupados com os rumos do romance do casal *gay* da novela da Rede Globo *A Próxima Vítima*, achando que uma mulher foi plantada na trama por pressões de setores conservadores da sociedade. O movimento de emancipação homossexual Atobá encaminha semana que vem um abaixo-assinado com 10.000 nomes ao autor da novela, Silvio de Abreu, pedindo a continuidade do romance *gay*. O vice-presidente do Atobá, Raimundo Pereira, 34, acha que “a presença da mulher pode indicar uma mudança nos rumos do casal, atendendo a forças ocultas”. A implicância é com a personagem Rosângela de Souza (Isabel Fillardis), que, após o fim do noivado com o bancário Sidney Noronha (Norton Nascimento), passou a flertar com o “cunhado” homossexual, Jefferson Noronha (Lui Mendes). Está previsto para sábado um beijo entre os dois. Os homossexuais temem que Jefferson comece a namorar Rosângela, terminando seu caso com o rapaz Sandro Rossi (André Gonçalves). No abaixo-assinado, corrido em boates e bares do Rio, pede-se que o autor “continue dando importância à temática homossexual”. Para o Atobá, essa questão “é de vital importância para que a sociedade brasileira

⁵³ FSP, editoria TV, 04/06/1995.

⁵⁴ FSP, editoria TV, 04/06/1995 “Sinopse confirma personagens *gays*”.

venha a discutir o referido tema sem hipocrisia". Pereira elogia Abreu por colocar o tema na TV, mas acha que o casal gay deve demonstrar mais afetividade.⁵⁵

▼ Ao contar para a família que é gay, no capítulo de segunda-feira da novela *A Próxima Vítima* (Rede Globo), o personagem Jefferson causou comoção dentro e fora da história. Sidney, o irmão de Jefferson, diz que vão chamá-lo de "neguinha da Aclimação". Os telespectadores escrevem para o ator Lui Mendes (o Jefferson) se solidarizando com o personagem homossexual negro.⁵⁶

Torre de Babel

▼ A TFP (Tradição, Família e Propriedade) afirma ter recebido inúmeros pedidos de seus associados para que se manifestasse contra a novela *Torre de Babel*. "É difícil tratar de pontos positivos numa obra repleta de ensinamentos e atitudes contrárias à moral Católica e à tradição de nosso povo. Seria como, num copo com água envenenada, tentar tomá-la sem o veneno", afirma o diretor de imprensa da entidade, Paulo Corrêa de Brito Filho, por fax. (...) "O grupo lançou um site (www.oanfilhos.org.br) e propõe um código de defesa e até uma delegacia do telespectador". Curiosamente, a proposta de código é, em tese, similar à do Grupo TVer, liderado pela candidata do PT ao Estado de São Paulo, Marta Suplicy.⁵⁷

▼ A Globo levou ao ar na última quarta-feira o que talvez seja o primeiro auto-de-fé da teledramaturgia brasileira. Os hereges de *Torre de Babel* – um casal de lésbicas, um drogado e um pai que copulou com a mulher do filho – não arderam em fogueiras montadas em praça pública, como era hábito nos tribunais da Inquisição; foram pelos ares na explosão do shopping, a fogueira do consumismo dos tempos que correm. Não é muito simples explicar essa manobra pudibunda que levou a Globo a alterar a trama da novela e punir comportamentos considerados "desviantes". Parece que a operação limpeza foi feita à revelia do seu autor, Sílvio de Abreu, e contra a vontade dos atores. A rigor, o responsável final pela censura – pois é disso que se trata – não tem cara própria: chama-se audiência.⁵⁸

Ainda sobre a novela *Torre de Babel*, a FSP publicou, na seção de cartas do dia 26 de julho de 1998 as seguintes manifestações de leitores:

⁵⁵ FSP, editoria Ilustrada, 11/08/1995 "Abaixo assinado quer manter romance gay na novela".

⁵⁶ FSP, editoria Cotidiano, 28/10/1995 "Negros gays aprovam personagem da novela".

⁵⁷ FSP, editoria TV, 12/07/1998 "Para TFP, novela é veneno".

⁵⁸ FSP, editoria TB, 19/07/1998 "Sexo, mentiras e telenovela – 2", crítica de Fernando de Barros e Silva, editor-adjunto de Opinião.

▼ Trágico o final dado às personagens lésbicas em *Torre de Babel*. Será que a Tradição, Família e Propriedade vai manipular a TV agora, numa censura semelhante a que podou a arte nos anos 60 e 70? Todos se lembram dos que tiveram que deixar o país? A melhor educação é a verdade. **Augusta Leão** (via e-mail)

▼ Ao ler o editorial de domingo, “Novela, TV e vida real”, fiquei surpreso ao ver que os editores poupavam as telenovelas. Elas são responsáveis por grande parte dos desajustes que vemos em nosso meio. O que seria de nosso país se todos concordassem com a libertinagem mostrada nessas tramas? Há muitas maneiras de criticar programas de baixo nível, mas elogiar *Torre de Babel* é tapar o sol com a peneira. **Samuel da Silva** (São J. do R. Preto, SP)

Senhora do Destino

▼ Agora é moda. Novela que é novela tem que ter beijo lésbico. O casal da vez está em “*Senhora do Destino*”. (...) Com essa abundância de casos de lesbianismo televisivo, daria até para pensar que a sociedade brasileira está se tornando mais tolerante em relação ao homossexualismo, que isso é um avanço em direção a um ambiente de respeito à diversidade sexual, que a hipocrisia em relação à sexualidade em geral diminuiu... Será? (...) Em primeiro lugar, não é à toa que a maioria dos casais homossexuais que aparecem são formados por mulheres. O olhar machista classifica a homossexualidade feminina como a) menos “séria” e b) mais palatável. A brincadeira erótica entre mulheres é excitante e faz parte do repertório pornográfico. É como se as moças, entediadas à espera do falo, se entretivessem uma com a outra. É como se a negociação com o moralismo do público passasse por uma barganha do tipo: bem, já que vai ter que falar de homossexualidade – porque o assunto ganhou uma visibilidade no noticiário e na vida social muito maior do que à época de *Torre de Babel* – que seja a feminina, pelo menos. Com homem no meio, só Sílvio de Abreu teve coragem em *A Próxima Vítima*.⁵⁹

▼ A pesquisadora em telenovelas da USP Maria de Lourdes Motter acha que o assunto está sendo tratado com a delicadeza devida. “Mostrar a Eleonora sofrendo por amor é muito importante. Isso mostra que o objetivo não é fazer apologia [à homossexualidade], mas mostrar que isso deve ser tratado com naturalidade. O público acha o tema inadequado, enquanto ativistas do movimento *gay* se dividem. André Fischer, diretor do Festival Mix Brasil, diz que essa forma de exibição é ideal. “Vivemos em um país careta. Tem de mostrar a coisa de maneira dosada”. Luiz Mott, fundador do Grupo *Gay* da Bahia, acha as cenas

⁵⁹ FSP, editoria Ilustrada, 19/09/2004 “Beijo *gay* esconde truques por audiência”, crítica de Bia Abramo, colunista da Folha.

muito tímidas. “Enquanto os heterossexuais quase praticam sexo explícito, os *gays* têm de ficar ‘no armário’.”⁶⁰

▼ Resultados preliminares de uma pesquisa qualitativa feita na semana passada pela TV Globo mostram que o telespectador comum, embora com uma ponta de preconceito, aprova o casal lésbico formado por Eleonora (Mylla Christie) e Jenifer (Bárbara Borges) em “*Senhora do Destino*”. “Todo mundo [na Globo] ficou pasmo com a reação das telespectadoras. O mínimo que elas dizem é: ‘Existe, deve ser mostrado, nem que seja para alertar as pessoas’. E o máximo, quem afirmou foi uma senhora, visivelmente casada e cheia de netos: ‘Ah, mas elas são tão bonitinhas!’, afirma o autor da novela. De acordo com Silva, a aprovação decorre da abordagem do lesbianismo, a mais direta e realista já feita por uma novela da Globo.”⁶¹

▼ Na semana que passou, “*Senhora do Destino*” foi marcada pela volta do casal de bolachas finas Jenifer e Eleonora. Ao contrário de todos os outros casais heterossexuais da trama, não houve beijos de língua ou demonstrações de carinho mais explícito. Depois das lésbicas explodidas no shopping, das bichas pais-de-santo assexuadas e do frustrante selinho na cena final entre Alinne Moraes e Paula Cicarelli encarnando um Romeu morto, o histórico das últimas produções globais não dá esperanças de grandes mudanças. A culpa por tanta sutileza no trato com personagens homossexuais é sempre atribuída às tais pesquisas de opinião entre os espectadores. Quais seriam as pessoas que a Globo tanto teme melindrar?⁶²

▼ Para bom observador, meia novela basta: 2005 é o ano da ação afirmativa na televisão brasileira. Na faixa de maior audiência da Globo, a “*Senhora do Destino*” é uma nordestina. Uma hora mais tarde, com o “Big Brother Brasil 5”, os telespectadores podem acompanhar o confinamento de um grupo de 12 pessoas, entre eles três negros e cinco nordestinos, sendo um homossexual. (...) Para estudiosos ouvidos pela Folha, a maior presença na TV de grupos da sociedade considerados excluídos é óbvia e tem explicação, principalmente comercial. “Uma segmentação de mercado, que acontece com viés democrático”, como explica o antropólogo e professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Edmilson Felipe. A imagem dos grupos hoje é menos caricatural do que a mostrada há uma década, mas ainda tem estereótipos. (...) Quando o “excluído” em questão é homossexual, as críticas não são diferentes. A doutora em comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro Cida de Sousa acredita que apenas os personagens estereotipados são bem aceitos. “Todas as novelas que trataram do tema de forma estereotipada não causaram problemas. Quanto o homossexual é normal, aí é complicado”, diz, “As

⁶⁰ FSP, editoria Ilustrada, 24/11/2004 “‘*Senhora do Destino*’ terá a primeira cena de sexo entre mulheres”.

⁶¹ FSP, editoria TV, 23/12/2004 “Público aprova lésbicas de novela das 21h”.

⁶² FSP, Revista da Folha, 28/11/2004 “A novela de sempre”, artigo de André Fischer.

garotas [casal de lésbicas de “Senhora”] não estão incomodando porque o foco não recai sobre elas”, diz.⁶³

Na seção de cartas da edição de 05/12/2004, a FSP publicou os seguintes comentários de leitores:

▼ A novela “*Senhora do Destino*” apenas retrata a nossa realidade. Sou solteiro, por azar, e como sempre quis uma filha, hoje ajudo cinco meninas e vejo nelas semelhanças com algumas personagens da novela (três delas não têm pai, uma gosta de garotas, uma é deficiente). Aprendo muito com elas, pois perdi meus preconceitos. Há coisas mais importantes sobre as quais refletir do que me preocupar com a raça, o fato de ser lésbica e de ser deficiente, fatores que afetam só elas. Por que não ver a corrupção, a exclusão generalizada e o preconceito, que afetam a todos? Na novela, o casal de lésbicas (Jenifer e Eleonora) ou o casal inter-racial (Constantino e Rita) apenas buscam a felicidade. Será que a felicidade alheia nos incomoda tanto? **Ricardo Hiroaki Kurauchi** (São Paulo, SP)

▼ Quero sair em defesa da universitária Bárbara Carvalho Pereira, que criticou no “Painel do Leitor” de 28/11 a cena de homossexualismo na novela “*Senhora do Destino*”. Os demais temas tratados na novela, como o político corrupto, a prostituição e o seqüestro são casos de polícia. Homossexualismo é caso de moralidade, que fere os conceitos básicos da célula-mater da sociedade que é a família, pois, quando Deus criou o homem e a mulher, disse: “Crescei e multiplicai-vos”. E isso só é possível entre um homem e uma mulher de verdade. Se fosse para haver um terceiro sexo, Deus o teria criado. Quem quiser pode me chamar de preconceituoso, mas vejo no homossexualismo simplesmente pessoas recalcadas querendo influenciar outras pessoas com seu modo de vida. **Edésio Cláudio Verdure** (Presidente Prudente, SP)

Big Brother Brasil

▼ O Big Brother Jean, que afirmou ter sido vítima de preconceito por ser gay ao saber que havia sido indicado por seus colegas para a eliminação, conseguiu escapar da eliminação em apertada votação contra a mini-Pitty. O movimento gay fez forte campanha na rede pedindo apoio ao assumido. Algumas mensagens mais exaltadas o apontavam como herói. O professor Jean usou uma estratégia de jogo arriscada ao partir para a ofensiva apenas pela suspeita de preconceito. Muitos membros de minorias usam esse artifício quando se vêem

⁶³ FSP, editoria TV, 20/02/2005 “ ‘Excluídos’ invadem o horário nobre”.

acuados. Não deixa de ser uma alternativa, seja no programa ou na vida aqui fora, quando a possibilidade de derrota é real e eminente, usar a seu favor o preconceito sofrido por tanto tempo. Mas é cartada que, repetida, perde impacto e vira desculpa. Desde o primeiro dia Jean se mostrou candidato ao paredão. Tentou manipular o grupo nas compras, apresentou-se como apaziguador e é líder de seu harém, o que incomoda o grupo dos gigantes machões que armou sua indicação. O baiano exagera no drama e é, talvez por vício profissional, controlador. Não me vejo na obrigação de continuar votando nele apenas por ser gay, pois já cumpri minha obrigação "cívica" desta vez. O público já mostrou não ter preconceito. Vitimizar-se como homossexual não pode ser seu tema nas próximas semanas. Deixa de comover e fica chato.⁶⁴

▼ *No seu misto de franqueza com vulgaridade e sensação de impunidade, o presidente da Câmara virou um símbolo nacional: ele defende, sem constrangimento, a contratação de parentes, o uso do governo para fins eleitorais e a distribuição de dinheiro público para seus colegas. O "Brasil Severino" só se sustenta na acomodação, na fragilidade e na ignorância dos indivíduos. No "Brasil Severino", o governo incha a folha de pagamentos, dobra-se aos interesses corporativos, distribui recursos sem base técnica e, na falta de dinheiro, enfia a mão no bolso dos cidadãos, que, resignados, não reagem. Mas há outro país ganhando força, no qual o e-mail é uma das armas capazes, pelo menos, de incomodar o "Brasil Severino".

* O e-mail faz parte de um novo arsenal da cidadania brasileira a serviço, especialmente, da população beneficiada pelo crescimento veloz do número de matriculados no ensino médio e superior, o que, independentemente da qualidade dos cursos, significa gente menos desatenta. Este país está mais com o perfil de Jean Wyllys, o principal personagem brasileiro da semana passada. Nascido em uma família pobre do interior da Bahia, gay assumido, cursou universidade pública e virou professor. Ajudou a criar um programa para ensinar direitos humanos numa faculdade de jornalismo. Não venceu o "Big Brother Brasil" por seus atributos físicos, mas, em boa parte, pelos dotes intelectuais; é quase o oposto do homófobo Severino, cujo prestígio se sustenta da troca de favores.

* O "Brasil de Jean" é o da classe média com escolaridade, mas empobrecida nos últimos anos, inclusive pelo aumento dos impostos. Justamente esse segmento era o principal alvo da nova ofensiva do leão, que, como todos sabemos, não pára de engordar.⁶⁵

⁶⁴ FSP, Revista da Folha, 23/01/2005 "Estratégia do preconceito", artigo de André Fischer.

⁶⁵ FSP, editoria Coditiano, 03/04/2005 "Jean coloca Severino no paredão", coluna de Gilberto Dimenstein.

Partindo do pressuposto de que os jornais impressos refletem o que se passa na vida social do país, inclusive na televisão, depreende-se da leitura dos textos acima que em 1995, durante a exibição da novela *A Próxima Vítima*, a homossexualidade ainda era mostrada com certo receio, tanto por parte da emissora e do autor quanto pela sociedade civil em geral. A emissora não quis se manifestar nem dar declarações acerca da orientação sexual dos personagens Sandro e Jefferson. O autor seguiu a mesma linha da emissora, chegando a declarar que não se lembrava de ter escrito na sinopse da novela que um dos personagens era homossexual. A sociedade civil reagiu negativamente ao surgimento de um casal *gay* masculino (pior ainda: inter-racial) em pleno horário nobre, mas preferiu fingir que não viu. E os movimentos sociais em defesa das minorias e dos excluídos, principalmente os grupos do movimento *gay*, demonstraram a preocupação em manter os personagens em cena, tentando evitar que fossem repentinamente “subtraídos” da trama. Os personagens foram mantidos, enfrentaram vários percalços até chegar ao final da novela, e no último capítulo casaram-se simbolicamente, com direito a festa para as famílias.

Em *Torre de Babel*, houve a derrota. A audiência estava baixa e as pesquisas demonstraram que o casal de lésbicas não estava ajudando a levantar os índices. A sociedade civil tradicional não aceitou o relacionamento *gay* no horário das 19h e a TFP (Tradição, Família e Propriedade) chegou a publicar notas de repúdio e a incentivar o público a boicotar a novela. Foi uma clara demonstração de retrocesso em relação à discussão dos direitos homossexuais por parte da sociedade brasileira. Falou-se em libertinagem, heresia, punição a desvios de comportamentos e em censura. Leila e Rafaela, as *lesbian-chics*, foram mortas na explosão do *shopping center* que orientou

toda a trama. Houve uma reação do movimento *gay* em repúdio à supressão das personagens do folhetim. Também houve uma movimentação no sentido de pedir pela volta das duas, já que o autor nunca publicou os nomes das empresárias nas listas de corpos identificados depois da explosão. Elas nunca voltaram.

O romance lésbico de *Senhora do Destino* foi tratado de forma sensivelmente mais leve e solta pela mídia em geral. É preciso lembrar que entre Sandro & Jefferson e Eleonora & Jenifer houve, entre outros casos, o casal *gay* masculino em Suave Veneno, formado por um pai-de-santo e seu assistente, totalmente estereotipados e assexuados; e as colegas adolescentes lésbicas em Mulheres Apaixonadas. Parece-nos que a sociedade brasileira, durante o ano da *Senhora do Destino*, mostrou-se melhor preparado para lidar com a temática homossexual. Talvez este comportamento seja resultado de uma suposta banalização do tema na esfera pública, conforme proposto por Nunan (2003). Penso que a Rede Globo conseguiu convencer a sociedade brasileira de que o público *gay* existe, faz diferença no mercado e não é interessante ignorá-los ou pô-los à margem de sua vida.

Um outro indicativo disso é o súbito aparecimento de um legítimo representante das minorias diante de um amplificador potente diretamente ligado à sua voz por um pequeno microfone pendurado a seu pescoço. Dia e noite, durante três meses, o Brasil foi obrigado a conviver com um homem vistoso, embora franzino, negro, baiano, homossexual, jornalista e professor universitário. A dicotomia entre ser minoria e ser da elite gerou um debate político interessante em direção à inclusão do público *gay* na

sociedade. Porém, concordamos que por trás disso há um outro sistema igualmente opressor, o sistema financeiro.

Em oposição a este comportamento, surgem os grupos que falam em “queeruption”, dizendo “o nosso lugar de direito na sociedade não deve ser comprado. A libertação não virá do consumo”, em forma de celebração de orgulho *gay* alternativa pouco comercial. De todo modo, esta é uma discussão apropriada para trabalhos futuros, e o debate sobre a questão “queeruption” não será desenvolvida nesta pesquisa.

A Rede Globo

Como já dissemos anteriormente, verificamos que a Rede Globo de Televisão mudou sua postura quanto à representação de homossexuais em sua programação. Citamos algumas novelas e uma edição do *reality show* Big Brother Brasil. Pudemos depreender de leituras realizadas para esta pesquisa que o mercado, de uma maneira geral e em vários países do mundo, tem-se atentado a esta parcela do público consumidor, qual seja o público gay. Portanto, não é nenhuma surpresa constatar que a Rede Globo de Televisão, o terceiro maior conglomerado de comunicações do mundo, também se alinhe a esta “nova” idéia.

Matérias recentes veiculadas pelos telejornais “globais” têm confirmado nossa intuição quanto a esta tendência, tais como a revista eletrônica Fantástico, os noticiários Bom Dia Brasil, SPTV, Jornal das Dez (Globonews), entre outros. Porém, neste trabalho estamos nos atendo aos casos da mídia de entretenimento.

Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, em agosto de 1997, o ator Marcos Breda (que então representava um personagem bissexual na novela Zazá) disse que “esse tipo de personagem reflete uma mudança de mercado: os homossexuais e bissexuais são consumidores, têm poder aquisitivo. O capital não tem moral”.⁶⁶

Segundo Ana Cristina Santos,

a chamada “indústria rosa” tornou-se um negócio visivelmente rentável, permitindo a criação e desenvolvimento de produtos culturais específicos, de uma imprensa própria, de bares, discotecas, saunas, hotéis, *sex shops* etc, bem como a ampliação do circuito turístico gay internacional.⁶⁷

Muito embora a chamada imprensa *gay* não atinja facilmente à maioria da parcela heterossexual da população brasileira, a Rede Globo consegue atingir quase a totalidade do território brasileiro⁶⁸. Os telejornais e as telenovelas produzidas pela Globo constituem importante formador de opinião do povo brasileiro, pautando discussões nas mais variadas esferas – da familiar ao parlamento. Segundo

⁶⁶ Representantes das minorias sexuais, como o Rô-Rô Pedalada de ‘Zazá’ (Marcos Breda), se tornam cada vez mais freqüentes em novelas da Globo: estão no ar atualmente um bissexual, uma lésbica e um pansexual. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 ago. 1997.

⁶⁷ SANTOS, 2003. p. 338.

⁶⁸ “Nenhum outro órgão de mídia tem o alcance da Rede Globo. Não é por acaso que, se algo acontece em qualquer cidade do Brasil, é na Globo que os brasileiros se informam em primeiro lugar. Apenas a Rede Globo está presente, com repórteres, cinegrafistas e editores, nos 27 estados brasileiros, em 117 municípios, cobrindo literalmente o Brasil inteiro. Ao todo, são 4.500 jornalistas para contar aos brasileiros o que acontece no país”. João Roberto Marinho, “A pura verdade”. Disponível em <<http://www.ietv.org.br/ietvnoivo/artigos/joaorobertomarinho.htm>>. Acesso em 30 mai. 2005.

Nunan (2003), os meios de comunicação de massa, principalmente a publicidade, são poderosos agentes de socialização e disseminação da opinião pública, desempenhando papéis fundamentais na construção e disseminação de estereótipos. No caso das telenovelas, durante as décadas de 1980 e 1990 percebeu-se um retrocesso na representação de homossexuais, mostrando-lhes, na maioria das vezes, como pessoas anormais, exóticas ou bizarras, quase sempre merecedoras de um fim trágico.

Sendo que a mídia é uma importante fonte de informação sobre o mundo para muitas pessoas, imagens equivocadas ou pouco realistas das minorias sexuais têm um efeito nocivo, já que promovem uma ilusão de que estas pessoas não experienciam alegrias, problemas cotidianos ou emoções humanas. Muitas vezes os jovens brasileiros (e adultos também) se espelham em personagens de novelas e a partir disso orientam suas ações. Neste sentido, podemos dizer que as telenovelas são uma ferramenta importante na afirmação de identidades heterossexuais. A falta de modelos positivos em telenovelas e na mídia em geral, nos quais os homossexuais possam se espelhar, acaba gerando sentimentos de inferioridade e alienação, podendo limitar seus projetos de vida. Assim, segundo Nunan:

“Os meios de comunicação de massa têm um enorme poder de alterar crenças arraigadas, estimulando o debate e um diálogo mais franco sobre a sexualidade. No entanto, a maior presença dos homossexuais na mídia não se traduz, necessariamente, em uma melhoria das condições de vida de gays e lésbicas”.⁶⁹

⁶⁹ NUNAN, 2003, p. 99.

Assumindo-se que a televisão é o meio de comunicação de massa de maior impacto na sociedade brasileira, e a Rede Globo a maior rede de televisão do país, as representações equivocadas sobre identidades homossexuais contribuíram, ao longo dos últimos 40 anos, para a manutenção de um *status quo* violentamente heterossexual e mal informado.

A comunidade GLBT passou a ser claramente reconhecida como um “mercado dos sonhos” pela Globo a partir do ano de 2004, quando foi possível verificar a presença de pessoas “normais” com orientação homossexual, como foram os casos já citados nos capítulos 3 e 4 deste trabalho. No entanto, a “normalidade” somente foi concedida aos *gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros após a percepção destes como **sujeitos de consumo**, e não exatamente pela aceitação das diferenças que apresentam por sua identidade sexual. Este processo, portanto, não configura a inclusão desta parcela da população na sociedade brasileira, mas sua assimilação pela sociedade capitalista, apenas como fonte de lucro e não como seres humanos⁷⁰. Desta forma, embora alguns movimentos homossexuais comemorem o aumento da visibilidade *gay* em função da maior presença na mídia, ainda não se podem comemorar avanços na luta pela garantia de direitos humanos fundamentais, tais como segurança, seguridade e saúde.

Com relação aos aspectos positivos do mercado homossexual, alguns entrevistados disseram que sua existência proporciona visibilidade aos *gays*, “banalizando” orientações sexuais que diferem da norma e, conseqüentemente, diminuindo o preconceito. Neste sentido, o mercado *gay* também outorgaria legitimidade e poder político aos homossexuais, visto que em sociedades capitalistas como a nossa o consumo está ligado à cidadania e o dinheiro muitas vezes se traduz em respeito.⁷¹

⁷⁰ NUNAN, 2003. p. 200.

⁷¹ Id. Ibid. p. 307.

Apesar destas dificuldades, algumas pesquisas têm revelado que o público *gay* é altamente interessante à indústria do turismo e do entretenimento.

O mercado *gay* que se desenvolveu nos últimos anos uniu sexualidade e economia de uma forma nunca antes vista, transformando o que se convencionou chamar de “estilo de vida homossexual” em complicadas transações comerciais. (...) Assim, bares, discotecas, saunas e outros estabelecimentos direcionados para o público homossexual se tornaram não apenas lugares para encontrar parceiros, mas servem igualmente a um tipo específico de socialização que ocorre em um contexto parcialmente livre de discriminação e preconceito. Evidentemente, o surgimento destes estabelecimentos não é um fenômeno recente, pois pontos de encontro homossexuais têm existido na cidade há vários anos. O que caracteriza o nascimento do mercado *gay*, no entanto, é que estes novos estabelecimentos (a maioria comandados pelos próprios homossexuais) se auto-identificam como voltados para público *gay*, perseguindo esta clientela diferenciada.⁷²

Uma matéria do Fantástico sobre a Parada do Orgulho GLBTT de São Paulo em 2005 mostrou vários índices, praticamente todos ligados ao poder de consumo do chamado (pelo apresentador Pedro Bial) público *gay*. “Bruno Gagliasso, que faz o papel de um homossexual na novela das oito, foi junto pra descobrir que público é esse. Um consumidor que, por exemplo, viaja em média seis vezes por ano”⁷³. Gagliasso segue: “Segundo o censo de 2000 o mercado consumidor *gay* é de quase sete milhões de pessoas, uma parcela da população que nem o comércio nem o turismo podem ignorar”. A matéria, em seguida, divulgou outros dados ainda:

- ▼ segundo uma pesquisa da UNIP (Universidade Paulista), mais da metade dos homossexuais no Brasil têm rendimento médio acima da média da população, cerca de R\$ 1.000,00 por mês;

⁷² NUNAN, A.; JABLONSKI, B. Homossexualidade e preconceito: aspectos da subcultura homossexual no Rio de Janeiro. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 54, n.1, 2002. p. 21-32.

⁷³ Pedro Bial apresentando o quadro “Repórter por um dia” na edição de 29 de maio de 2005, em que o repórter era o ator Bruno Gagliasso.

▼ o mercado *gay* movimentou dois bilhões de dólares em 1999, e cresce cerca de 30% ao ano;

▼ o setor turístico é um dos mais favorecidos;

nos últimos 3 anos, praticamente triplicou o número de agência especializadas no atendimento ao público homossexual; hoje são mais de 30 em todo país;

▼ o número de estabelecimentos dirigidos ao público *gay* duplicou nos últimos cinco anos no Brasil; hoje são aproximadamente 200 empresas.

O interesse econômico-financeiro por esta parcela da população tem ajudado à população GLBT urbana das classes média e alta no processo de “saída do armário”, como já expusemos anteriormente. Porém, nas esferas menos favorecidas, tais como os moradores das periferias e áreas rurais, pode gerar ainda mais opressão e exclusão, na mesma medida que acontece com mulheres, negros e indígenas, por exemplo. Ou seja, acreditamos que a recente inclusão do público gay na mídia devido à descoberta de que este público interessa ao mercado, seja em novelas ou outros tipos de programas de entretenimento, não necessariamente melhora a qualidade de vida de homossexuais⁷⁴. Ao contrário, muitas vezes passa a exercer um outro tipo de opressão, já nem tanto moral ou ideológica, mas mercadológica. E embora os grupos de afirmação homossexual exerçam um importante papel político na busca da garantia de direitos para esta parcela da população, devido ao número ainda limitado de organizações existentes no país com este fim, não conseguem abranger regiões mais negativamente afetadas pelo fator sócio-econômico: as periferias.

⁷⁴ Nesta pesquisa, não estamos analisando a presença de personagens homossexuais em programas televisivos humorísticos.

Em Portugal, Sérgio Vitorino tem alertado para o perigo de se confundir o papel das associações, como rede de apoio e integração dos jovens LGBT, com o papel desempenhado pelos estabelecimentos comerciais, voltados sobretudo para a diversão, o consumo e a maximização do lucro. Uma diferença óbvia entre ambos é o fato de um homossexual pobre, habitando em meio rural, aterrorizado pela possibilidade de sua orientação sexual ser denunciada socialmente, apresentar muitas diferenças em relação a outro homossexual cuja capacidade econômica permite integrar circuitos de turismo *gay*, participar de festas privadas ou ir assiduamente a saunas e bares noturnos na capital.⁷⁵

Portanto, o aumento na aparição de personagens homossexuais menos estereotipados em novelas e reality shows desempenha um papel significativo para a visibilidade *gay*, mas é preciso que se tenha atenção para com os outros tipos de opressão que podem ser causados neste processo.

⁷⁵ SANTOS, 2003, p. 347.

7 (in) Conclusão

Diante do exposto ao longo do trabalho, creio que começamos a encontrar algumas das possíveis respostas às perguntas feitas nas primeiras páginas. Pretendíamos verificar que houve uma mudança no discurso vigente hoje na grande mídia impressa, e parece-me que uma década e meia fizeram grande diferença na situação de homossexuais no tempo e no espaço. Isto aconteceu, entre tantos outros fatores de ordem psicossocio-antropológico, em função de um interesse sócio-econômico do mundo capitalista em mais esta parcela da população. Antigamente, atravessavam-se mares para fazê-lo; hoje, nem precisam sair de suas salas. Tal processo se dá hoje em dia sobre tribos urbanas como um dia aconteceu contra países inteiros.

O resultado deste cenário é uma maior liberdade em se assumir uma identidade homossexual a propósito de uma superficialização dos relacionamentos humanos, gerada e sustentada pelo advento do capitalismo. Contudo, tal liberdade, como a alforria, precisa ser comprada e o preço é a adequação, ou a assimilação dos *gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros na sociedade capitalista. Há, em andamento, neste momento da história, um momento de crise no país com relação ao processo dialético da luta por espaço na esfera pública mundial, na base do toma-lá-dá-cá: toma lá mais território, dá cá seu poder aquisitivo. Você já viu isso antes?

Não me parece realmente que este seja o caminho direto para um mundo menos excludente para a minoria GLBT, tão pouco me parece que o seja para nenhum outro

segmento da sociedade civil. Uma sociedade que baseia suas relações humanas com base na acumulação de capital não me parece que seja lugar democrático para ninguém que não seja parte da elite. O grande problema é que não é fácil chegar a ser elite, pois melhor seria se todos pudéssemos ter acesso às coisas da elite: educação de qualidade, moradia, acesso à informação, acesso à água – doce e salgada – à comida, ao lazer e ao amor.

A “crise do toma-lá-dá-cá” a que me referi na página anterior tem ajudado a pautar no Brasil uma ampla discussão política sobre direitos homossexuais, liberdade de orientação sexual, identidade e inclusão social. Porém, creio que este é apenas o início do processo, e não consigo prever o que poderá vir a seguir. Como antes, pode haver um novo retrocesso na percepção da população GLBT entre a sociedade tradicional; ou ao contrário ser o início de uma história de vitórias para o movimento *gay* e a população de modo geral, com mais tolerância e menos violência.

O processo de revisão bibliográfica mostrou-me uma gama gigantesca de outras questões que merecem ser estudadas, das quais eu nunca me havia dado conta. A idéia inicial deste trabalho foi corroborada pelos autores consultados, e me levou a outros pontos de vista sobre o mesmo tema. Espero ter levado alguns deles até o leitor ou a leitora com clareza e coerência, e que as idéias expostas nestas páginas possam contribuir positivamente para o debate público sobre os direitos GLBT.

8 Bibliografia

CÂMARA, Cristina. **Cidadania e orientação sexual: a trajetória do Grupo Triângulo Rosa**, Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.

CAMPEDELLI, Samira Y. **A Telenovela**, São Paulo: Editora Ática, 1987, 96p., 2. ed. (Sério Princípios 19).

FILOMENO, Felipe Amin. **Liberdade, igualdade (e fraternidade?): o capitalismo que rege o meio gay e as tendências que fazem o mundo cada vez mais individualista**. Disponível em <<http://mixbrasil.uol.com.br/troctroc/arena/liberdade/liberdade.asp>>. Acesso em 19 de maio de 2005.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**, São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GROSS, L. Don't ask, don't tell: lesbian and gay people in the media. In: LESTER, P. M. (ed.) Images that injure: pictorial stereotypes in the media. Connecticut: Praeger, 1996, p. 149-159. APUD Santos, 2003, p. 97.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural na esfera pública. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, 2.ed.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**, Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

NUNAN, Adriana; JABLONSKI, Bernardo. **Homossexualidade e preconceito: aspectos da subcultura homossexual no Rio de Janeiro**. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 54, n.1, 2002, p. 21-32.

PARKER, Richard Guy. **Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**, Rio de Janeiro: Record, 2002.

QUEIROZ, Jandira; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Campanhas de comunicação a serviço da cidadania e da paz: o caso da Campanha Paz no Trânsito (1996-1998)**, Brasília: UniCEUB, 2003.

RODRIGUES, Raquel. "Numa Europa social os trabalhadores não são só trabalhadores", comunicação apresentada na *Cimeira Alternativa*, Lisboa, 24/3/2000, apud SANTOS, Ana Cristina. Orientação sexual em Portugal: para uma emancipação, In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SAVIGNANO, Verônica. **Conquistas: conseguimos muito, falta conquistar muito mais**, Disponível em <<http://mixbrasil.uol.com.br/troctroc/arena/casamento/casamento.asp>>. Acesso em 20 de maio de 2005.

SILVA, Sérgio Gomes da. **Histórias e caminhos do ativismo homossexual: identidade e cidadania homoerótica**. Disponível em <<http://mixbrasil.uol.com.br/troctroc/arena/ativismo.asp>>. Acesso em 19 de maio de 2005.

SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala*. Petrópolis: Vozes, 1977. APUD CAMPEDELLI, Samira Y. **A Telenovela**. São Paulo: Editora Ática, 1987, 96p., 2. ed. (Série Princípios 19).

VITORINO, Sérgio. Participação no debate *Formas de Luta do Movimento LGBT*. Lisboa: ILGA-Portugal, 2000. APUD SANTOS, Ana Cristina In: SANTOS, 2003, p. 347.